CARMAN BARNES

ANO VI N. 284

RIO DE JANEIRO, 5 DE AGOSTO DE [illegible]

Preço para todo o Brasil 1$000

CINEARTE

ANITA PAGE
CINEARTE

CINEARTE

ANO VI
NUM. 284

Marie Prevost, você era tão interessante nos seus desatinos ao luar... Romantica, labios humidos... Depois você engordou tanto que já aproveitaram êste seu novo tipo em "A flôr dos meus sonhos". Um pouco de regime, Mariezinha, mas volta... Não basta a "Enfermeira de guera"...

5 AGOSTO
1 9 3 1

O APROVEITAMENTO de alguns dos antigos films, aquêles que mereceram aplausos e acolhimento de parte das platéas, com êles se fazendo edições sincronisadas, é o claro indice demonstrativo de que não é o dialogo que atráe as preferencias do publico, tanto assim que êste não reclama as palavras, que em geral não compreende e nem por isso sofre a concurrencia nem a renda da bilheteria.

Nós sômos da opinião que os bons films antigos, aquêles que mais aplaudimos em sua versão muda, perderam quando se lhes anexou a fala como elemento de renovado sucesso. E dessa opinião foi tambem o grande público, tanto que essas reedições vão rareando.

Falha assim um dos elementos com que mais contavam os organizadores de programas, os confeccionadores de films. A sincronisação pura e simples, entretanto, é um novo elemento de successo, e muita gente vai rever com prazer um film de que guardou reminiscencia grata, e novo prazer encontra nos sons que lhes foram acrescentados com discreto discernimento.

Foi o que me sucedeu a mim indo rever "Beau Geste" e forçosamente a todos acontecerá.

O film ganha em ser visto assim simplesmente sincronisado.

Se o refizessem dialogado, não creio que o mesmo acontecesse.

A palavra nada acrescentaria ao desenvolvimento da ação, não lhe daria maior expressão.

Está-se daí a ver o triumpho seguro dos que querem acompanhar a opinião de Chaplin, e com elle entendem que como em tudo mais nesta vida a perfeição é ainda e sempre o meio termo.

Film dialogado é arremedo de teatro, não é Cinema. Atraiu enquanto foi novidade.

Depois com o passar dos tempos foram surgindo as imperfeições até então encobertas.

Quantos films dialogados constituiram sucesso, de fato? Apenas uns dois ou tres.

Tudo o mais tem estado abaixo da critica.

Os films medios, que constituiram o grosso da produção muda, servindo á programação ordinaria dos cinemas estavam acima dos atuais, cem furos pelo menos.

Junte-se a isso o aumento do preço das entradas causado pelas novas instalações e custo da locação e aí teremos cabalmente explicada essa crise de publico de que se queixam os exibidores

A retração é natural.

Tudo neste mundo cansa. E se a gente entra num cinema em busca de diversão e dêle sái mais aborrecido do que entrou dificilmente voltará antes de um mês, que no seu curso leva a má impressão.

Dizem as publicações profissionais norte-americanas que nos centros produtores já se fala com franqueza do malogro da politica dos 100 % falados.

Vai-se voltando devagarinho ao meio termo: a voz substituindo apenas as legendas e no mais, simples sincronisação.

Assim é possivel que o cinema volva a readquirir a sua perdida popularidade.

E já não é sem tempo.

Carmen Violeta

"Mulher"...

Lew
Cody
Joga-se
tudo
em
sua
casa...

MULHER Nº 2

Taciana é uma placidez angelica engastada á uma vivacidade feminina. E' um pouco de quiméra e de realidade. Uma recordação desvanecida que se tenta fazer reviver... Sua silhuêta tenue tem a gracilidade galante de uma florentina de Botticelli, e parece feita de "biscuit". Sua beleza é ao mesmo tempo suave e viva. Tal qual seu temperamento, e por isto bem parece a Lois Moran, de "Rua Alegre", uma pequena sentimental que se faz moderna...

"Made in" rapido. Dinamismo e eletricidade em tudo. Mocidade louca. Jazz maluco. Dansas doidamente furiosas. Pequenas em "maillot" de banho. Rapazes de cabeça "virada"... E no meio desta farra moderna, uma pequena delicada, simples, modesta aturdida com tudo. Vestido de cerimonia importante, penteado ingenuo e nas mãos um leque delicado de madreperola, um leque de "souvenir"... E' a pequena que foi ao baile futurista, sem o ser. Não sabe dansar "black bottom" nem outra dansa desconjuntada qualquer... Só dansa um "Danubio azul", uma valsa muito delicada e antiga, com toda a etiqueta, que provoca hilaridade e diversão ás companheiras.

O jazz estruge. Os pares atiram-se malucos. E só, no meio da confusão de dansarinos freneticos, tonta, quasi ás lagrimas, está a pequena antiga. Cai-lhe das mãos o leque. Os dansarinos arrastam-na, pisam-no e quebram-no. E a pequena delicada, já em soluços, apanha-o e foge para seu quarto. Aí, os olhos transparentes de lagrimas, o coração cantando baixinho a valsa antiga, ella contempla, com tristeza, o leque partido, a sua pobre ilusão desfeita... E o som frenetico do jazz faz-se ouvir lá em baixo. E a pequena delicada, entre lagrimas, sorri. E passa a ser tambem uma garota moderna...

—oOo—

Em "Rua Alegre", um film de Raymond Cannon, Lois Moran interpretou um papel assim. E assim tambem é Taciana Rei, a "Mulher nº 2" de "Limite", um film brasileiro. Uma especie de romantica princezinha medieval, exilada de sua epoca, vivendo extasiada com a beleza de nosso seculo. Mas guardando ainda um pouco de encanto de sonho em sua figuririnha...

Taciana Rei que evoca tanta fantasia, e que é mesmo a mulher cuja alma a gente gósta de adivinhar E' a imagem para quem a gente gósta de idealisar o ambiente e a decoração, propicios a seu encanto.

Numa cena de "Limite"

Figurando em "Barro Humano"

Taciana Rei. Nome que tem a poeira de uma lenda medieval. Nome que tem um pouquinho da Russia e do velho Portugal... Nome que lembra, mesmo não se querendo, personagens que viveram em epocas antigas, e narrações de alfarrabios mais antigos ainda, pois Taciana Rei em pessoa é bem diferente do nome. E' carioca e nada possue da austeridade dêle. E' lindinha, cheia de graça, algo viva, garôta repleta de juventude, possuindo um "it" interessante, todo feito de um encanto suave e delicado.

Todos a acham parecidissima com Marion Nixon. Nós tambem achamos. Mas achamos ainda, que tem, tanto na imagem como personalidade, qualquer cousa de Janet Gaynor. A figurinha alegre e moderna de Taciana, tem nos olhos, no sorriso, no todo emfim, um "quê" genuinamente Janet Gaynor. Sua imagem delicadissima, magrinha, bonita, irradia um encanto todo de sonho, todo... "Setimo Céu", mesmo! "Setimo Céu"! Sim, é isto! Taciana Rei é na verdade uma legitima figurinha tanto do "Setimo Céu", quanto do céu de nossos sonhos...

Taciana Rei num desenho de Edgar Brasil especial para "Cinearte"

Seu rostinho é encantador com as feições cinzeladas á primor, e o moreno com palidez de luar. Tem algo de vivacidade e muito de um perfume delicado e espiritual. Tem cabelos castanhos, ondeados. Um sorriso bonito, ingenuo, alegre, com algo de reserva e melancolia... talvez. Seus labios são delgados traços, vermelhos e humidos. O solhos, são grandes, castanhos, luminosos, onde ha claridades de alegria, tentando apagar a luz suave dos sonhos... São olhos cismadores, possuindo ainda a humidade das lagrimas... Êles têm muito de uma melodia de Schertzinger. E a imagem de Taciana, cheia de graça primaveril, impregnada de meiguice, é mesmo uma figurinha de um poema cinematografico de Frank Borzage... Toda ela, um encanto para os olhos, é, principalmente, um bem enorme para a alma e o coração.

A gente fita sua pessoa e logo imagina uma quantidade de historias para Taciana, e seu tipo interessante e variado: "Kiki", que Norma Talmadge fez, por exemplo. Ela propria, Taciana, gostaria muito de interpretar êste mesmo enredo. Mas um "Anjo das ruas", achamos bem melhor... Ou então o papel de Lois Moran em "Rua Alegre", a que já nos referimos. Para uma imaginação mais apaixonada, Taciana seria até um "Lirio partido"... Nada de Lilian Gish. "Lirio partido", sómente...

Taciana Rei. Brisa da madrugada. "Magali" provençal... Apagar de luzes, acender de sonhos... esperança..

—oOo—

Vocês não gostariam de ouvir Taciana Rei, uma das estrelinhas de "Limite", e do nosso Cinema? Pois aí vão as palavras e pensamentos seus. Ela tem algumas opiniões alegres. Outras tristes... O que revela que sua alma é tal qual sua imagem.

Quando a procurámos para uma palestra e uma ligeira entrevista, encontrámo-la engolfada na leitura de um livro. Perguntámos-lhe, pois, se gostava de leituras e de romances. Eis a sua resposta:

— "Aprecio imensamente a leitura, sim, e tambem os romances. Mas não sou romantica, não. Não aprecio poesias, não gosto de luar, nem de sonhos, nem de flores... Portanto...

(Termina no fim do número).

CI-NE-MA de Amadores

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

Questões de Laboratorio

Convidamos os nossos amigos e colegas, os amadores, para conversármos, alguns instantes, sôbre essas questões, tão interessantes, de laboratorio.

E' indiscutivel que, hoje em dia, os verdadeiros amadores procuram sempre organizar o seu proprio serviço de laboratorio, afim de poder revelar os seus proprios films, serviço êsse que é sempre muito interessante, e tem o valor tambem indiscutivel de elevar o nivel de cultura do proprio amador.

Aquêle qualificativo empregado mais acima não é aliás propriamente nosso; é de todos queficam ocasionalmente, mesmo que não sejam amadores, ao par dessas questões, ou por outra, ao par dos diversos incidentes que sempre surgem durante a prática daquêle serviço. Quando nós adquirimos, pela primeira vez, o material necessario para a instalação do nosso laboratorio, e mostrámos êsse material ao nosso colega de redação, Otavio Mendes, foi êle proprio quem disse, referindo-se ao serviço da revelação do film de amadores pelo proprio amador: — Não ha dúvida que se trata de um assunto extremamente interessante.

Acontece, porém, que êsse assunto, ou melhor, êsse serviço de laboratorio não é só extremamente interessante. Ao par dêsse interesse, corre uma complexidade que torna a revelação do film de amadores um caso realmente serio. A trabalho duplica, se o film empregado é mesmo êsse film que quasi só é empregado pelos amadores: o de inversão. Vejamos por que.

O film negativo, ou melhor, o film utilisado pelos profissionais, que aliás a casa Pathé chama erradamente de film positivo, é preparado com a emulsão fotografica comum, empregada tambem nessas peliculas com que se carregam as camaras fotograficas que o vulgo, tambem erradamente, denomina de Kodak, quando Kodak é nome proprio e não comum. Seguese, portanto, disso tudo que dissemos aí acima, que a revelação do film negativo empregado pelo amador redunda no mesmo trabalho que se possa ter para revelar um negativo profissional, ou mesmo um negativo fotografico.

Se porém o film cinematografico utilizado pelo amador, conforme dissemos mais acima, é o chamado de inversão, aí o trabalho de laboratorio duplica, exige outros detalhes para que o resultado seja realmente satisfatório, de modo que a conclusão a que chegámos é realmente esta: o serviço de laboratorio a que o amador tem que se entregar é três vezes mais dificil do que o proprio trabalho de laboratorio executado pelo profissional. E' logico que nos estámos referindo unicamente ao film de inversão. De qualquer modo parecerá mentira, apesar de tratar-se da verdade pura!

Examinemos agora detalhadamente as duas revelações; a revelação comum, ou antes, fotografica, e a revelação do film de inversão. Suponhâmos que temos dois films para revelar, cada qual de um tipo diferente, ou por outra, que devemos revelar duas peliculas, uma negativa com que filmámos alguns titulos de que tinhamos absoluta necessidade, e outra de inversão com a qual filmámos algumas cenas para um film que estavamos preparando. Os amadores que não costumam tratar da sua propria revelação irão agora ficar ao fato da realidade daquela dificuldade que apontámos aí acima.

Para revelarmos o film negativo, incluindo mesmo as lavagens, precisariamos de três cubas. Para fazermos o mesmo serviço com o film de inversão iremos necessitar de sete ou oito cubas, a não ser que fizessemos tudo quanto fosse lavagem dentro de uma só e unica cuba. Agora vamos ver porque essa superioridade no número de cubas. Para a revelação do negativo, teremos que preparar uma solução reveladora, outra revelação fixadora, e uma lavagem final para a pelicula, em agua pura. Para o film de inversão, teremos que preparar, ou melhor iremos necessitar de:

1.º — Uma solução reveladora.

2.º — Uma solução inversôra.

Um bom "primeiro plano"...

3.º — Uma lavagem de agua pura.

4.º — Uma solução especial para os contrastes claros.

5.º — Uma lavagem de agua pura.

6.º — Uma solução especial para os contrastes escuros.

7.º — Uma lavagem final em agua corrente.

Confórme se nota aí acima, o número de combinações quimicas necessarias para a revelação do film de inversão é justamente o dôbro do número preciso para a revelação do film negativo. Existe porém ainda um outro detalhe importante sôbre o caso. Trata-se da temperatura, coisa essencial para os banhos do film de inversão, e que perde toda aquela sua importancia, logo que se passa a utilizar o film negativo. De tudo quanto fica expôsto, conclue-se portanto que, para o amador que revela os seus proprios films, a pelicula negativa é sempre mais prática do que a de inversão. A revelação é muito mais simples, menos trabalhosa, muito mais economica.

Recomendamos portanto o film de inversão para aquêles que encomendam fóra a sua revelação. Para os que revelam os seus proprios films, o negativo sempre será preferivel. E' verdade que êstes irão precisar de uma copiadeira, e gastarão tambem outro film virgem para que obtenham uma cópia. Nós, porém, nos estamos referindo ao trabalho que o film de inversão irá dar **durante o serviço de laboratorio.** Acreditamos que, depois de lêrem estas linhas, os amadores ficarão inteiramente de acôrdo com a nossa opinião.

NOTA

Recebemos de Nuripê Bitencourt, um dos amadores que colaboram com a Amadores Brasileiros Cinematograficos, o seguinte comunicado:

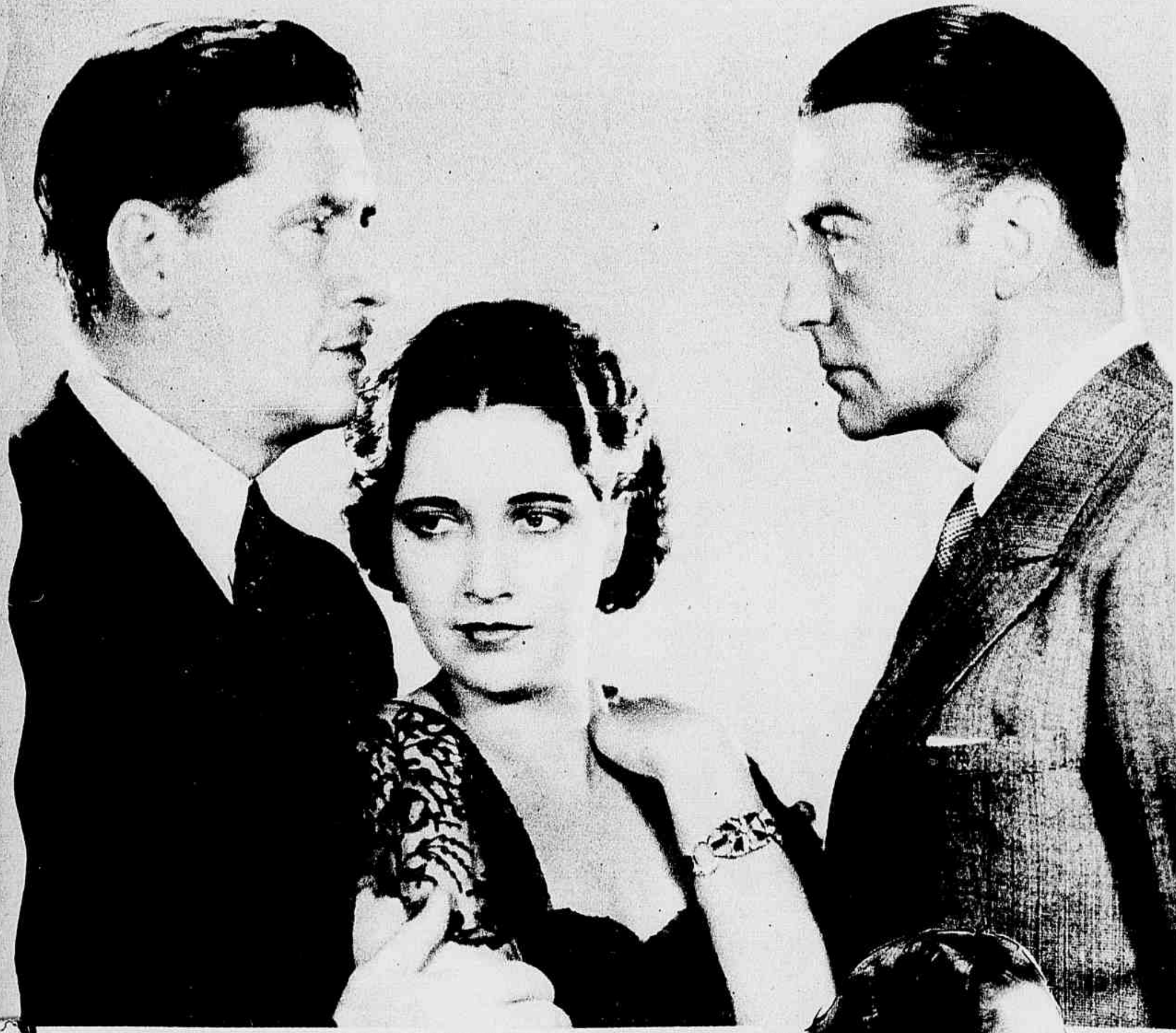
"Deu entrada no Departamento competente da A. B. C. o argumento de Castor V. Coelho "Fóra da Lei", que será filmado, logo que se termine "Férias de Durval". Terá como diretor Alberto Morais. Elza Lins e Artúr Morais encarregar-se-ão dos principais papeis, secundados por Paes Leme, Silvio Monteiro, Inaiá Miranda, Isaltino Lopes, Polux Coelho, tomando tambem parte, num papel de destaque, o velho atôr teatral Eduardo Rocha. Êste argumento será o primeiro da série de ouro que a A. B. C. organizou. Estarão á disposição dos seus produtores um lindissimo predio em Vila-Isabel, um automovel, uma fazenda em Serraria, no Estado de Minas-Gerais, e um caminhão, tudo oferecido por pessoas gratas. A filmagem deve ser começada nos fins de Julho."

CORRESPONDENCIA

Sátiro Borba (Rio) — A Casa Pathé não adquire os films apanhados pelos amadores. Quanto á carta que o amigo nos enviou para ser entregue ao colega Castor Vitórino Coelho, vai o aviso ao proprio destinatario aqui junto.

Castor V. Coelho (Rio) — Temos em mão uma carta para si, assinada por Sátiro Borba. Envie-nos o seu endeço particular, para que possamos remetê-la. O missivista deseja entrar como colaborador ou socio da A. B. C.

Sena Junior (Rio) — Estamos inteiramente de acôrdo quanto ás suas opiniões sôbre o futuro do Ci-

(Termina no fim do numero).

guma preste á linda esposa. Ela, amorosa e meiga, quer o afeto todo de seu marido. A figura poderosa, imensa, mesmo, de Mark é a alegria e o amôr de toda sua vida. Mas êle trabalha ativamente. Não sobra, do seu tempo, a migalha de algumas horas para a companhia dela. Quando vem do serviço, vem exausto, procurando, ás tontas, o leito para o descanço do qual tanto necessita. Almoça e janta na redação. Êle a vê rapidamente. Não percebe a angustia que aquela criatura sofre, não sente a falta de amor daquêles olhos negros e daquêles labios sempre humidos.

Nêsse peor periodo de sua vida é que ela encontra Noel Adams, o banqueiro. O assedio é imediato e violento. Noel é um homem do mundo. Elegante, inteligente, cheia de fascinação. Num relance êle compreende a situação daquela esposa e a po-

Pagína de

sição daquêle marido. Repelido nas primeiras investidas, as mais diplomaticas e distintas,

— Se é noticia de sensação, imprima-se! Agrade ou não agrade á moral.

Eis o codigo do jornalista Mark Flint, editor de um importante jornal da cidade. Sempre êle fôra pelo escandalo das noticias retumbantes. Jamais cessára de imprimir aquilo que o público quer e a moral condena. Tornara-se conhecido por isso e o seu jornal, pelo mesmo motivo, era dos mais temidos de quantos se imprimiam na cidade. Franklin, o diretor-proprietario do jornal era contra a politica do seu redator-chefe. Mas Flint tinha personalidade de sobra e, pelos gestos e seus atos, convencia a qualquer um da razão daquilo que pensava bom.

— Imprimo aquilo que quizer ou largo o emprego!

Ameaçava êle sempre a Franklin e vendo que o dominava, porque, na verdade, o diretor precisava dêle mais do que ninguem, tomava todas as liberdades possiveis dentro do respeito logico que sempre ha do patrão amigo para o empregado dedicado.

Noel Adams é o banqueiro mais importante da redondeza. Solteiro, êle tem um grande capricho e não deixa de ser um capricho perigoso: ama a esposa de Mark Flint...

No lar dos Flint havia, naturalmente, aquilo que não póde deixar de haver em qualquer lar onde o marido, ocupadissimo, sempre , atenção al-

embora, não desanima. Sabe que ela acabará caindo na sua trama de fascinação e, assim, calmamente espera o instante de avançar sôbre a sua vitima já sem defesa alguma.

Tempos depois propõe-lhe fugirem para a Europa, até completo esquecimento do caso e, depois, no regresso, o divorcio e o casamento de ambos, mais tarde. A unica resposta que obtem é a promessa de que, no dia seguinte, ás cinco horas, iria á casa dêle levar a resposta, fôsse qual fôsse. Noel crê, por vários motivos, que ela lhe dirá sim. Principalmente depois dos beijos ardentes que trocaram e da paixão imensa que êle leu acesa nos olhos morenos daquela soberba criatura...

No dia imediato, Flint tem conhecimento da má situação financeira da casa bancaria de Noel Adams. Faz-se transportar para a residencia do banqueiro e, lá, pergunta-lhe pelos detalhes do

(SCANDAL SHEET) — PARAMOUNT

GEORGE BANCROFT .... Mark Flint, o editor
Kay Francis .... Mrs. Flint, a mulher
Clive Brook .... Noel Adams, o banqueiro
Gilbert Emery .... Franklin
Lucien Littlefield .... Mc Closkey
Regis Toomey .... Regan
Mary Foy .... Mrs. Wilson
Jackie Searl .... O garoto
James Kelsey .... Molly
Harry Beresford .... Arnold

Diretor: — JOHN CROMWELL

•

mesmo caso. Adams, entretanto, calmo e distinto como é, explica-lhe francamente a situação e o adverte, tambem, de que já conhece a fama do seu jornal e de que a teme, logicamente, principalmente num caso daquêles. Termina pedindo-lhe que nada imprima sôbre os boatos e que deixe a situação se resolver por si mesma. Depois, então, que relate o caso todo porque aí estará conjurado todo perigo.

Enquanto Adams, fala, Flint, perspicaz e arguto, percorre os olhos pela sala. Em tudo ha um detalhe de arrumação para uma partida. No seu cerebro corre, celere a idéa de uma fuga que êle estaria planejando, quando já tempo tivesse para deixar seus clientes em situação embaraçosa e nada mais diz. Finge, assim, aceitar todas as conclusões do banqueiro, tendo já em mente, erradamente, aliás, o seu plano já formado.

Escandalo

A primeira cousa que Mark faz, quando chega á redação, é enviar reporters e fotografos para a porta da residencia Adams, escondidos afim de colherem todas as novidades possiveis acerca da suposta fuga do mesmo.

Tempos depois, noticias e história já escritas chegam-lhe ás mãos as fotografias batidas ao lado da porta da casa de Adams e no seu interior, mesmo. Nelas êle vê pasmo e brutalmente chocado que sua esposa é a mulher que Adams tem em seus braços. Compreende a razão toda daquela fuga e, voltando á calma dita os detalhes todos de uma história diferente que relatava o assassinato do banqueiro Noel Adams pelo editor Mark Flint e deixando a todos perplexos, sái, fóra de si, para executar fielmente aquilo que mandara imprimir evançadamente para noticia sensacional de escandalo, em primeira pagina...

Assassinado Adams, Flint é preso. A sua coragem inegualavel de jornalista é merecedora da maior admiração. Todos seus colegas espantam-se diante de um homem que teve a coragem de relatar a propria miseria, em fórma de escandalo...

* * *

Em Sing Sing, Flint torna-se o editor do jornal dos presidiarios. Um dia, quando lhe dizem que os guardas não permitiriam que circulasse determinada noticia que era ofensiva aos mesmos, mas verdadeira, Flint responde, calmo:

— Meu amigo... se é noticia de sensação, imprima-se! Agrade ou não agrade á moral dêsses individuos...

* * *

Frontier, argumento de Howard Estabrook, dirigido por Wesley Ruggles, será um dos proximos trabalhos de Richard Dix e Irene Dunne. Entrará em produção, breve, tão depressa terminem os dois **Marcheta**, que estão fazendo sob a direção de Victor L. Schertzinger e, tambem **The Reckoner**, que Richard Dix está simultaneamente terminando.

* * *

Ian Keith declarou, recentemente, que se separava de sua esposa Ethel Clayton, porque, diz êle, andava bebendo muito e, assim, tinha medo de ainda acabar surrando a sua mulher. Ela, entretanto, sabendo disso, declarou que não era verdade nada daquilo que êle dizia sôbre separação e que ela, mesmo, não tencionava absolutamente dêle se divorciar...

Pola Negri chegando a Hollywood depois de uma ausencia de três anos, para aparecer nos films da Radio.

LUDWIG — (P. do Sul - Rio) — Foi demasiada exposição que tornou você **colorido**... Gosto das suas ironias suaves a **la Menjou**... Mas estimei ter o seu retrato para a minha coleção. O que acho é que escreve pouco e demora para faze-lo. Nada de receios de importunar, etc. Aqui vocês só têm um nome: **bemvindo**... Não me atire uma pedra, sabe? O trocadilho, afinal não é dos peores... Até logo Ludwig.

JANNINGS — (Santos - S. Paulo) — Pois a sua contristação é a de todo o país, amigo. Console-se tendo por colega o proprio Brasil... A cotação foi 11. Foram Evelyn Brent, William Powell, Clive Brook, Larry Semon, Fred Kohler e outros. Provisoriamente, sim. Ela tenciona voltar e ainda não se sabe se assinará novo contrato com a Paramount ou irá para outra. Ficou muito doente e nervosissima. Leia a historia que CINEARTE está públicando e compreenderá melhor a sorte da infeliz Clara Bow. Por enquanto tanto um como outro não têm programação certa. A Pathé deve ir pelo Programa Matarazzo, talvez e, assim, **Her Man** tambem. Quando a **Criminal** farda e boné caido para a esquerda. Um **William Haines** dentro do seu todo de **Churchill Ross**... Você arranjou um bom **slogan** para a mudança de CINEARTE. Só em Setembro?... Ela não tem escrito, não. E' o Celso, creio. A do Carlos você a tem pela entrevista. As outras eu vou ver se arranjo para lhe enviar, sabe. Assim que os tiver, mando. Mas você ai vão bem mal de films, hein? Que cousa! E logo agora que tanta cousa boa ha a assistir! 28 de Dezembro, ela. Volte logo, Enri!

"Cinearte" conseguiu um instantaneo de William Boyd e Dorothy Sebastian em plena viagem de lua de mel!

Todo o elenco da Paramount sorridente. Foi um sabado, dia de pagamento...

Code, é preciso que a Columbia decida sôbre a instalação da sua agencia aqui, do que está tratanto. **Marrocos**, já sim. E' um bom film.

DOVEMORI — (Rio) — A primeira tem 28 anos. A segunda, 25. Possivelmente com a Fox. Ela está parada e não se sabe nada mais a respeito. O nome dela é La Hiff, com o qual foi batizada. Conhece-a? Muito bem! Pois que escreva o quanto quizer.

ENRI — (Rio Grande - R. G. do Sul) — Bravos! Voltou o nosso amigo, o homem das datas! Você aqui é figura de primeira linha e amigo dos bons. Eu já sabia de todos êsses seus conhecimentos. Jack está aqui **and how**! Você, garanto, desconhecê-lo-ia: todo de

BILLIE NOVARRO — (Rio) — Aqui as respostas que me pede: 1.° — Jane Keith, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California; 2.° — Raymond Hackett, presentemente, sem contrato. Arrisque M. G. M. Studios, Culver City, California; 3.° — Juliette Compton, Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, California; 4.° — Sidney Blackmer, já terminou o seu contrato com a First National. Escreva-lhe, entretanto, para First National Studios, Burbank, California; 5.° — Não tem endereço certo, presentemente. A sua **outra** serie de perguntas, ou antes, o pedido que fez, será oportunamente atendido.

LIA TAMAR — (S. Salvador - Baía) — São, tem razão, dos elementos melhores e com certeza não se afastarão, não. Êle está lá. E' tudo quanto se sabe. Em nenhum dêles. Ruth Chatterton? Creio que está enganada. Não sei se êles se acomodariam. Não. E' que nada temos recebido. Vou perguntar a Carmen Violèta as datas que quer. Depois as enviarei a você.

PRINCEZA SOLITARIA — (Rio) — O seu conhecido Dovemori já me fez a sua apresentação. Aliás até papel êle lhe forneceu. Êle desistiu da viagem. O Cué veiu só e até já esteve em Buenos Aires. Nada se sabe a respeito. Norma Talmadge está presentemente com a M. G. M. para a qual vai fazer um film. Dêle tambem nada se sabe. Lawrence Tibbett aparecerá em **The Prodigal**, brevemente. Volte quando quizer, Princêsa.

BABY — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Já estou conhecendo as suas cartinhas pelo perfume... E que colosso! Eu vou bem, sim e você? Realmente, êle é camarada nas remessas de fotografias. Futuro risonho?... Acho que sim. Celso Montenegro, Milton Marinho, **Cinédia Studio**. Rua Abilio, 26, Rio. Dos outros não sabemos nada.

CELY NOMARA — (Rio) — Ha quanto tempo! Até pensei que tinha mudado de idéas e mudado de amisades tambem. Vejo, entretanto, que me enganei e folgo com isso. Pois aqui estamos é para espera-la, mesmo. A oposição que sofre, na verdade, não é das mais simples, não... Mas tenha animo! Eu compreendo o que sente e lastimo que não haja uma solução agradavel para o seu caso. Imprudente será, sem dúvida, se não ajuizar bem o que faz e agir com precipitação. O que quer? Póde usar da maior franquesa. Depois, então, responderei o justo. Não tem sido, feita apenas porque se aproxima o instante do lançamento de **Mulher...** Mas depois vai até enjôar de tanto ouvir falar nêles. As proximas novidades são sensacionais, creia. Está contente com o tamanho da resposta? Até logo, Cely!

BEN HUR — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — E' mentira. Essa noticia já tem corrido o Brasil todo e tem tido várias interpretações. Só se interpretam o noivado dela como suicidio... Jeanette Mac Donald continúa vivinha da silva. E' que o "Diario" resolveu arranjar uma história qualquer. Conforme o candidato. O problema da distancia é uma cousa que a **Cinédia** já tem propalado bastante. O principal é enviar fotografia. Depois, então, irão respostas certas sôbre o problema. Siga êste conselho. Volte sempre, Ben Hur.

C. BARBOSA — (Recife - Pernambuco) Eis as respostas que me pede. Quanto a Carmen Violeta, concordo totalmente com você: colossal! 1.° — Ai está uma cousa dificil de responder. Mas vou averiguar e depois eu escreverei aqui a resposta a você; 2.° — Outro problema, principalmente por não ser cousa exatamente da minha alçada, sabe? Mas eu farei o possivel para enforma-lo. 3.° — Envia, sim. O endereço dela é Carmen Violeta, **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, S. Cristovão, Rio Até logo, sim.

Pergunte-me outra...

GIL NITRAM — (Juiz de Fóra - Minas Gerais) — Enviou-as á **Cinédia?** O departamento dela acusará, se assim o fez. Se foi a mim, digo-lhe que ainda não as recebi. Tenha paciencia e confiança no seu futuro.

F. CASADO — (S. Paulo) — Sua pergunta é dificil de responder. Que Empresa Brasileira é essa? Francamente não conheço. Averigue o nome direito e depois pergunte de novo.

MARQUEZ DE SAINT-ROMAIN — (S. Paulo) — Meu caro Marquês, como passa V. A.? Nêsses casos, E não é possivel uma opinião. São cousas que se não discutem, meu nobre amigo. Você ainda terá novidades dentro do Cinema do Brasil e ha de ser um **fan** apaixonado, eu bem sei. Seu conselho é bom e aproveitavel. Ela está no teatro, presentemente. Pois mande os seus folhetos que sempre são leituras agradaveis. Que se realise o seu presentimento, nobre Marquês! Meus parabens, então e aceite um aristocratico abraço e um salamaleque de sangue azul em homenagem.

A. D. SANTOS — (S. Paulo) — Não consta, aqui, recebimento algum dessa fotografia. Mande melhores informações.

CRESO CALVETO — (Rio) — Mande a sua fotografia para **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio.

Frances Moffett

UMA KAY FRANCIS NOVA QUE A PARAMOUNT ARRANJOU...

O ADEUS DE

questra davam os sons e Harry Cichman cantava os versos... Em qualquer logar onde alguem aparecesse, de renome, lá estavam êles. O *boulevard* não oferecia interêsse algum se lá êles não estivessem.

Vasios eram os *restaurants* que não apresentavam suas simpaticas figuras. Hollywood não era Hollywood sem ambos.

O casamento dêles, entretanto, caía para o fracasso. Viveram, juntos, varios anos agitados num periodo muito pequeno de tempo... Muita felicidade, muita luz de fachadas iluminadas pelos seus nomes, muita multidão a saúda-los, sempre, durante cinco anos seguidos e isso não podia durar, realmente. E não durou. Depois de quatro anos com a Paramount, quatro anos de grande sucessos, começou ela a caír, lentamente. Marshall, igualmente, não é procurado como antigamente e já perdia paulatinamente o seu prestigio. Gastavam, por hábito, mais do que venciam e a falencia foi outra cousa que se delineou claramente no horizonte desregrado da vida de ambos. E' mais dificil quebrar o costume de gastar centenas de *dollares* durante uma semana do que adquirí-lo... Não podiam mais sustentar a moda de "teremos alguns amigos ao jantar" e, muito menos, pagar a orquestra habitual para o mesmo jantar com algumas musicas especialmente compostas para os mesmos... Caprichos que êles tinham e que não, podiam mais ter. Carros de vinte e cinco mil *dollares*, igualmente, não tinham mais... Casacos de arminho genuino, tambem não. Nada mais, em suma!

Blanche aceitou a "virada" com mais calma e mais paciencia do que Mickey. Decidiram, ambos, ficar em casa e economizar. Partiu dela a decisão. Mickey, entretanto, foi mais dificil de domesticar e custou muito a querer tomar a mesma necessaria deliberação. Êle queria divertimento e já não o podia mais ter... E, assim, ficando ela em casa e saindo êle, encontrou-se com outras mulheres e com elas passou a se divertir. Tornou-se êle, em pouco, um "caso" conhecidissimo, em Hollywood e ela, Blanche, igualmente outro. Com a diferença de que o dela era o de uma martir que suportava tudo com paciencia e resignação, nem siquer revoltando-se contra o procedimento pouco corréto do marido.

Lemos, ha dias, que o divorcio de ambos se efetivára. No mesmo dia, o vespertino deu-me a noticia de que ela seguiria na tal *tournée* de *vaudeville*. Os que apreciam o Ci-

— Blanche Sweet parte para uma *tournée* de *vaudeville*. Estas poucas palavras, simples, na aparencia, reunem um material tragico que comporia uma historia viva e interessante das mais crueis de Hollywood. Dramatica, principalmente, porque marcam o *fim* de uma brilhante carreira. Tudo quanto já se leu, a êste respeito, antes, não foi senão começo...

Ela foi das poucas que gosou, ha anos, das posições de *estrela* mais invejadas em toda Hollywood. Além disso, amava sua carreira e essa retirada de cartaz, ainda moça, deve ser a sua ultima desgraça.

Ela foi, mesmo, um dos baluartes da fundação e do crescimento do Cinema em Hollywood. A cidade deve-lhe uma homenagem á qual não tem o direito de fugir.

— Para uma *tournée* de *vaudeville*...

Que quadro agitado, de vivas côres, forma a historia e a carreira de Blanche Sweet no Cinema. Começou, obscuramente, como artista ao lado de D. W. Griffith. O sucesso foi lento. Alguns fracassos, aqui, algumas melhoras, ali. Com a Paramount, nos primeiros grandiosos dias dessa fabrica, brilhou com grande fulgôr, pela primeira vez. Foi lá, igualmente que se encontrou com Marshall Neilan que era, naquêle momento, um dos diretores *azes* do Studio. Amaram-se e casaram-se, em seguida.

Naquela epoca, em Blanche Sweet e Marshall Neilan, Hollywood tinha suas principais e iminentes figuras. Tinham o lar de todos o mais cuidado. Os melhores e mais falados automoveis da colonia eram dêles. Quando as *primeiras* não tinham as presenças de ambos, não eram consideradas autenticas *primeiras*. Para Hollywood de dez anos passados, *Blanche* e *Marshall*, eram dois nomes que dignificavam varias cousas. Entre elas, amor, força, dinheiro, estravagancia, fama, felicidade e generosidade. Eram os principais personagens do drama feliz que vivia a cidade. Eram os *leaders* das noitadas no Vernon Club famoso. Lá, justamente, onde Abe Lyman e sua or-

Quando foi "Anna Christie"...

Naquêles tempos...

BLANCHE SWEET

nema de antigamente e aquêles que viveram bôas horas com os films dela, sentir-se-hão, ainda que não queiram, tristes e aborrecidos com isto. Ha pouco tempo eu a vi. Saltou de um "Ford" de idade e especie terriveis e disse-me um *hello!* que me cortou, não sei porque, a garganta com um engasgo de tristeza. Achei-a abatida, palida e quasi desfigurada. Era o máu trato do tempo e da sorte.

Na noite anterior á sua partida, chovia e foi nessa mesma noite que tomei a sua última entrevista em Hollywood.

Ela estivéra chorando. Tudo já estava arrumado e pronto para a viagem. Alguns discos de vitrola, ao lado, eram a única nota de alegria naquêle ambiente quasi soturno. Sentámo-nos nas cadeiras já arrumadas, sobre os papeis que as envolviam, com cuidado suficiente para não lhes tirar as esteticas.

Entre ela e eu havia uma lampada de luz pouca que a fazia linda nos seus cabêlos de ouro. O seu vestido era mais do que simples. Nas témporas notava-se que o seu cabêlo queria tingir-se de branco. Ainda resistia, heroico...

— Não sei como dizer adeus a Hollywood e aos meus amigos.

Disse-me ela, começando a falar:

— Nenhum desses que aí estão, pensam na possibilidade de uma partida, não acha?... E' talvez por isso mesmo que num momento desses nós não sabemos dizer adeus... Sinto minhas asas queimadas. Não tenho mais forças para erguer... Quando a fama está sentada aos nossos hombros... Mas para que recordar? Eu detesto recordar, sabe? Traz-me tanta cousa triste ao cerebro... Uma *tournée* como a que vou fazer, em Hollywood, é o sintôma certo de fracasso radical. Eu sei disso! Já me ri, mesmo, de algumas outras que partiam assim para outras cidades... Mas tambem fico triste porque estou deixando Hollywood, estou deixando o meu lar. Não sei se voltarei. Não creio que volte, francamente! Meus amigos têm sido bons comigo, apesar de tudo, mas terei eu coragem para lhes dizer adeus?... Já deixei Hollywood algumas vezes. Mas deixei-a por New York, pela Europa, por Hololulu... Agora... Deixo-a por um trabalho que é o ferrete indigno do meu fracasso, da minha quéda completa...

Emquanto ela chorava eu lhe falei. Procurei ser brando, afavel, sensivel nas palavras todas que lhe disse. O seu desgosto era qualquer cousa de profundo e imenso que não havia palavra alguma que arredasse do seu espirito. Convencê-la era perfeitamente inutil. Disse-lhe muita cousa que pensava da sua coragem, do seu caráter. Ela ouvia, sorria tristemente, ás vezes e recordava comigo, feliz ás vezes, momentos em que já nos haviamos encontrado, antes, mas de forma bem diversa: ela uma *estrela* fulgurante e eu um jornalista que apenas começava.

— E' uma questão de ponto de vista. Você acha que eu ainda posso ser feliz. Digo-lhe, entretanto, que daqui eu ainda continuarei descendo... até ao último passo da minha vida. O meu passado é alguma cousa que me mata e destróe mais do que se fosse um entorpecente venenoso e mortifero que eu periodicamente injetasse em mim propria. Já sofri muito. Sob qualquer aspéto eu provei o favo amargo da vida. Não tenho mais ilusões e ninguem m'as dará. Aprendi a minha custa que o que mais abre a ferida não é o que acontece á gente e, sim, aquilo que *tóca* o nosso coração... Eu amo o luxo, o bem estar. Ninguem o amou e ama mais do que eu. Começa por aí a minha miseria. Eu jamais procurei aquilo que acomodasse interesses de dinheiro e conforto. Eu sempre procurei *o mais caro!* E até hoje eu tenho esse terrivel vicio dentro de mim. A pobreza, para mim, é alguma cousa que me acabará pondo doida! Deus tem-me provado longamente, neste ultimo periodo, mandando, sob todas as formas, sofrimentos os mais variados para o meu orgulho, para o meu coração vaidoso. Não sei se tenho tido muita paciencia para suportar tudo isso.

Falando do marido, disse ela:

— Mickey e eu continuamos amigos. A noite passada, numa especie de despedida, êle me levou ao Cocoanut Grove. Lá jantamos e dansamos. Isso ainda foi mais cruel! Trouxe-me uma série de recordações e uma série de sofrimentos íntimos que eu amarguei medonhamente. Enlaçados, dansando, voltamos alguns instantes para o passado e, tambem, compreendemos perfeitamente o presente... Êle se interessou muito pela minha nova faze, no *vaudeville*. Conversamos até duas da manhã. Depois êle veiu até aqui comigo, tomou café e ouviu alguns discos. Alguns dêles, mesmo, eram provas que eu tirára para minha ida aos palcos.

Isto dizendo, para disfarçar a emoção ou não continuar o fio do que vinha contando, procurou a sua modesta portatil e pôs, na mesma, os discos aludidos.

(Termina no fim do número).

A sua casa

Faith Baldwin, outra notavel escritora á qual se deve, entre outras, a novela **A Outra Esposa**, que um tão bom film nos deu, recentemente, ocupa estas linhas que se seguem para dizer um pouco da impressão que lhe causa John Boles, o novo grande successo do Cinema moderno.

* *

Como aperitivo para um divertimento esplendido, surgiro, aqui, onze horas de uma manhã de sol, c h e i a de primavera e encanto, em New York, de preferencia e um almoço para dois diante de si e... John Boles, naturalmente, a unica metade masculina que pode caber em tudo quanto disse nas linhas que passaram. Acrecentem um delicado odor de cozinha francêsa, depois de uma corrida em **taxi** vulgar, um congestionamento de trafego e muitas risadas em conjunto a revelar o bom espirito de ambos os provaveis **assassinos** do referido supra-citado almoço...

Na minha opinião, John Boles, fora do Cinema, ainda é melhor parecido e mais atraente do que nele. O seu modo de colocar o chapéo é especial e ultra-distinto e o seu bigode toma uma simpatia que as lentes não mostram na sua total perfeição. Além disso, John é um dos mais espirituosos homens com os quais tenho lidado e, assim, transforma-se automaticamente no homem ideal para companheiro de qualquer mulher, por mais exigente que ela possa ser.

O meu encontro com John Boles não significava absolutamente uma entrevista. Não consegui e jamais conseguirei escrever entrevistas tipo: êle disse isto ou ela disse aquilo e êles disseram aquilo outro"... Esse jogo de consequencias eu jamais joguei... Além disso, os jornalistas que entrevistam geralmente não falam. Fazem perguntas. E, depois, mergulham num silencio que só termina com a ultima palavra do escrito... Falo mais do que como — mesmo almoço francês — e isto, assim, põe-me fóra das normas de uma entrevista usual, logo de saída. Sempre ajuizei muito melhor as pessôas pelo que elas não dizem do que pelo que elas dizem. Mais pela maneira delas ouvirem do que pela maneira delas responderem...

JOHN

Eu tenho, na minha vida de jornalista, criado uma serie de heroes. Confesso, entretanto, que é o primeiro que aprecio almoçando e, por sinal, um dos mais escolhidos e felizes almoços que já comi em toda minha vida. Além disso, confesso, tambêm, poucas vezes eu me tenho avistado assim tão proxima a um heroe autentico, heroe que inumeras platéas aplaudem e todos aclamam esplendido. Os meus, aquêles que criei, viveram em paginas de jornais e, ás vezes, livros de mais de duzentas folhas. Em carne e ossos Jonh Boles é dos primeiros com os quais me encontro.

Poderia contar-lhes, aqui, o que eu disse a Jonh Boles e, o que é muito mais importante, ainda, o que John Boles me disse. Mas ha, além disso, muita cousa mais interessante que tenho a dizer desse homem.

Tanto quanto podem avançar os superlativos, êle é esplendidamente bem apessoado. Suas mãos são bonitas — aprecio m u i t o as mãos, vou avisando — e tem justamente a voz que agrada os ouvidos. E' a mesma que já ouvi cantando e falando, nos films, com a diferença de ser ainda mais bonita. Seus olhos, n o s cantinhos, revelam linhas sorridentes. Êle, aliás, é muito sorridente. Creio que gosta muito de rir, mesmo. New York, com s e u movimento gigantesco, não é propriamente aquilo que êle aprecia, mas, assim mesmo, g o s t a muito daqui. Aprecia as revistas teatrais e, sem duvida, almôços bons como aquêle que tinhamos diante dos olhos.

Sua voz e sua pronúncia revelam, claramente, o seu nacimento em Texas. Além disso, entretanto e ainda mais traíndo a sua origem sulina, o seu fino trato com as mulheres, a vida e as aventuras. Acima de tudo êle é um aventureiro, alguem que ama a vida e, dela, tira o maior prazer possivel. Nêstes dias, quando todos usam a valer os predicados da desilusão, do aborrecimento, do cinismo, para poder viver melhor, êle é decididamente diferente e estimulante e alguem que desafia a propria vida com o seu espirito delicioso.

Quasi todos que conheço, presentemente e com os quais me encontro com frequencia, julgam-se "derrotados" ou "vencidos", na vida. A "derrota", então, parece ser, presentemente, muito popular. As proprias novelas em circulação tráem êste exotico sistema de sentir a vida... John Boles, positivamente, não é um "derrotado". Graças aos céus, não é!

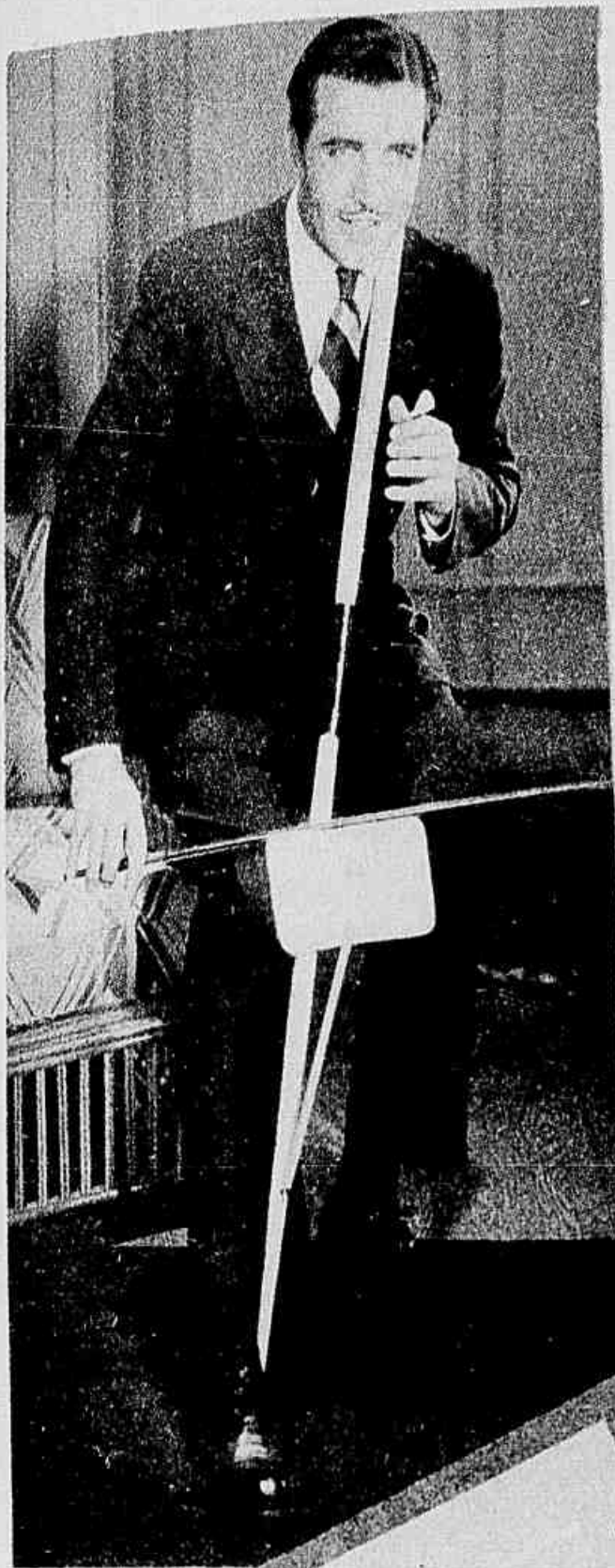
Os ambientes que ficam atrás das **cameras**, na vida particular que leva, é um lindo e perfeito mosaico de atitudes delicadas na sua vida de homem casado. Dias de colegio, aventuras da mocidade, tudo isto tambem é digno, no livro dos seus dias que ficam atrás. Ha, tambem, alguma cousa dos seus tempos de trinceira, na grande guerra, tempo êsse que lhe valeu maior experiencia na vida e maior amor á mesma. Vem, depois, a cultura da sua voz, Paris e, finalmente, o teatro e, em seguida, o Cinema. Nada tem o seu passado de negro. Tudo é liso, puro, simples e decente como a sua propria grande felicidade

O sucesso, encontrando-o, nao o deteriorou. Sei que êle o aprecia — e quem não o apreciaria?... — e que lhe é grato, mesmo. Apesar dêle saber e compreender que lutou pelo que conseguiu e lutou com ardor e fôrça de vontade, não deixa de agradecer a conquista justa dos seus meritos. Jamais sofreu desilusões com a vida e nem sujeitou-se a desmaios de ánimo.

Seu sangue é lutador, animado e ardente. Não é vaidoso, não é orgulhoso e nem **poseur**. E' contagiosamente cheio de mocidade, saude, simpatia e distinção. E', mesmo, o tipo do homem que vive assobiando e achando a vida a melhor invenção de Deus.

Êle faria, tenho convicçao disso, um convicente e admiravel Robin Hood ou, mesmo, um pirata de espirito brilhante e alma sempre satisfeita.

Tem pose, sem formalidades. Tem risos sem malicia. Tem qualidades de ouro que facina qualquer mulher rasoavelmente formada e que devem ser o encanto dos seus melhores amigos.

A impressão segura que tenho é que Jonh Boles ainda crê na ilusão... A sua aparencia, toda, é

musicas e poesia. Do sol, só, êle me falou mais de meia hora. E' o homem que mais adora o sol, no mundo.

O seu temperamento é saudavel e normal. Não devemos confundir êste temperamento com **temperamento**, isto é, genio. Falo, aqui, dos seus habitos e dos seus gostos. Êle é dosado em tudo e as suas doses são sempre as mais sobrias imaginaveis.

Êle lembra-se de rostos, sempre e não de nomes. Gosta de personalidades de destaque e herois populares. Creio que êle tenha muitos amigos e que êsses, pela sua bondade e pelo seu carater, sejam fôrçados a serem sempre bons amigos sinceros. Nunca me encontrei com nenhum ser vivo que tantos elogios e tantas palavras felizes dissesse de amigos seus

profundamente romantica e êle isto revela no seu menor gesto, na sua mais delicada frase.

Já que eramos, ali, ao lado daquela mesa, pai de dois filhos, um de nós e mãe de quatro, outra, discutimos o problema dos filhos. Êle, creio, tem idéas proprias a respeito de educação infantil que deviam ser ouvidas pelos interessados em dar bôa educação a seus filhos.

Êle me parece ser uma creatura esplendidamente normal, feliz e satisfeita. Nada lhe causa aborrecimento ou espanto. Gosta da vida e sabe levá-la, pelos dias afóra, dentro do seu melhor sorriso. Sucesso, divertimentos, mulheres bonitas (principalmente as que tenham cabelos de oiro, olhos e den-

OLES

tes bonitos, êle me confessou), montanhas para passeios e planicies para cavalgadas, são tudo quando mais adora, na vida. Anualmente, Paris e, pelas tardes e noites, principalmente noites da lua e amor,

quanto êle.

Quando me despedi de John Boles, no **hall** do seu Hotel, sentime, não sei por que, uns quinze anos mais moça. Êle me enchêra de esperanças, de fé, de alegria, de humor. Que homem extraordinario! Como consegue êle, em 1931, fazer crear um soneto e conseguir silencio para um trecho de Chopin... E' a impressão deliciosa que êle me deu.

A impressão que tive é que John Boles é uma pessoa feliz. Não aplico, aqui, sentidos truncados, isto é, sentidos menos inteligentes. Êle é lucido de espirito. E' um bom homem de negocios e um bom homem de sociedade. A maneira pela qual êle encara a vida, entretanto, é que o torna muito mais interessante aos olhos observadores. Pessoas, assim, não pódem deixar de serem felizes. Felizes no lar, felizes no trabalho, felizes na vida, felizes nas amizades.

O que eu queria, sinceramente, era que lhe dessem mais films com a oportunidade de um **Seed**, por exemplo, onde êle se revelou magistral e sem empregar o recurso infalivel da sua esplendida voz. Depois, então, veriamos onde iriam parar os herois de Cinema de todo mundo...

Êle é romantico, repito, mas é normal. Não lhe pedi, entretanto, que para mim cantasse, quer no almoço, quer no **taxi**. Sem que se lhe pedisse êle me faria o gosto, sei, mas não quis. Não preciso, entretanto, que cantasse para que eu fizesse dêle êste juizo: é o homem mais distinto e agradavel que já encontrei em toda minha vida. Dos poucos que me fizeram ver a vida pelo prisma romantico que ela já não tem.

Esplendido este John Boles!

* * * *

Battling Buffalo Bill, um film em series da Universal, vai ter Johnny Mack Brown no primeiro papel masculino, o de protagonista. Mack Brown, depois que King Vidor o pôs no elenco de **Billy, the Kid** (O Vingador), está, agora, com a triste sina de ser heroi do "passado" **far west** americano até ao fim da sua vida...

* * * *

Frank Lloyd, tendo terminado seu contrato com a First National, foi contratado por Howard Hughes, produtor associado á United Artists. Howard já tem consigo Lewis Milestone, Howard Hawks, Leo Mc Carey e, agora, com Frank Lloyd consegue um excelente quadro de directores. Um dêles, Lewis Milestone, é puramente para homens. Isto é: prefere os assuntos menos amorosos e de mais ação, na qual homens tenham os salientes e principais papais. Frank Lloyd, ao contrário, é, positivamente, o diretor das mulheres. Isto é: prefere os têmas que tenham mais conexão com o sexo fraco...

* * * *

The Iron Chalice, da RKO-Pathé, argumento de Octavus Roy Cohen, adaptado por Walter de Leon, será dirigido por Fred Niblo, como já foi anunciado e será o seguinte elenco: **Bill Boyd**, Dorothy Sebastian, Warner Oland, James Gleason, Zasu Pitts, June Macley, Ralph Ince e William Collier Jr...

* * * *

Gregory La Cava vai dirigir Mary Aster em **Nancy's Private Affair**, da R K O. Do elenco, além de Edward E. Herton, recentemente escolhido, fazem parte John Halliday, Gladys Gale, Ruth Weston e Noel Francis.

* * * *

Women Go on Forever, que James vai produzir para a Tiffany, dirigido por Walter Lang, terá Marian Nixon e Paul Page nos principais papeis.

LILIAN HARVEY e HARRY LIEDTKE outra vez... em "Nie Wieder Liebe" da Ufa.

Se eu quisesse dar publicidade a algumas estatisticas (o que certamente não farei) diria que 75% de todas as mulheres do mundo se embaraçam, principalmente (quanto á beleza) com as seguintes perguntas: Qual a côr que devo usar? Minha pele é sêca, oleosa ou corada? O que fazer para remediá-la?

E, ainda: como me livrarei das sardas? Amigos leitores, vamos ficar nêstes principios que aqui jazem em formas ainda primitivas de perguntas.

Sabem, todas, que as modas existem tanto nas côres quanto no córte. Ha mulheres, entretanto, que se recusam trajar uma côr, só porque não está na moda, prejudicando, assim, o conjunto harmonico da côr que melhor lhes assenta, por um principio errado de uma regra que não existe. Lembram-se, bem, da última estação, quando era o mais *chic* a côr azul fórte? Lembram-se, principalmente, agora, de como ficavam mal, certas senhoras e senhorinhas, mesmo, usando êsse mesmo azul fórte, só porque era moda?

Principalmente as de peles claras e cabêlos louros, que perdiam todo o encanto com a "côr da moda"... Êste ano, graças á sorte, as modas mais modernas clamam pela variedade de côres. Côres basicas que provam verdadeiras tragédias, em certos tipos, noutros tornam-se simplesmente admiraveis.

Consideremos a criatura loura, para começar. A loura bem loura, a de cabêlos quasi de ouro. Ela terá, com certeza, olhos azues ou pardos — pouco comum a de olhos cinzentos ou escuros. Sua pele deve ser normalmente bôa. Se é sensivel, melhor ainda para a pintura que deva usar. A loura que descrevemos, pode e deve usar o vermelho bem vivo de tons brilhantes, de preferencia. Os amarelos palidos tambem servem. Tons igualmente palidos em laranja agradam, tambem. O azul e o cinzento, para elas, em qualquer tom agradará. Mas não empreguem a purpura exagerada, é logico! O pardo está bem tambem, para coincidir com aquelas que tenham olhos assim. O *beige* com lances brilhantes é esplendido, igualmente. O cinzento adoirado é adoravel, outrotanto, para êste caso. Branco e preto tambem cáem bem e assentam com a tonalidade da pele e dos cabêlos. Não se poderá queixar, uma criatura dêsse tipo, de não ter sido contemplada com uma vasta variedade de côres a escolher.

A loura menos clara, entretanto, já não pode ter as mesmas côres, exatamente. Os tons vermelhos que usar devem ser mais brandos, mais suaves. O mesmo com amarelos. Não deve usar o tom de laranja. O azul é a "sua" côr, a que lhe vai melhor. Todo tom claro não lhe assentará mal. Deve tomar muito cuidado com o cinzento. Quando moça, pode usar o preto, mas se fôr madura, ou melhor, depois dos 30, não. Envelhecê-la-á muito.

A morena, é logico, pode ter suas preferencias por todos os tons claros e vivos. O tom laranja, quasi que uma proibição para as pequenas de outros tons de pele, é alguma cousa que a morena pode usar com rara felicidade. A unica côr viva que deve ser usada com critério é a encarnada. Se a pele sua fôr muito sêca, deve usar tons azues com pintura brilhante para o rosto ou mesmo tons verdes com a mesma pintura. O branco talhado, isto é, não muito palido, é conveniente e vai bem, mas o branco desmaiado não serve. O tom de orquídea não serve.

A morena mais clara é aquela que não tem, propriamente, uma côr definida de pele. Deve evitar o *beige*, o *pardo*, o *cinzento* e o *preto*. As côres de vinho, mais para o encarnado são as mais recomendaveis. O amarelo e o laranja não lhe convêm, em nenhuma hipotese. O azul brando, o verde e o purpura são adoraveis para o seu tipo. O branco palido não serve.

Norma Shearer não é loura nem morena...

Conselhos para a Beleza...

A pequena de cabêlos castanhos, aquela para a qual parece não assentar côr alguma a não serem verde, preto e branco, não sofre tanto assim quanto parece a exiguidade de tons que lhe calhem bem. O que deve evitar é o tom forte de qualquer côr. O vermelho, por exemplo, deve escolhê-lo mais brando. O amarelo, para esta especie de pequenas, só mesmo se coincidir com o tom da pintura da pele. Se a pele fôr pintada para tons claros, o amarelo escuro torna-se esplendido. O tom laranja deve ser radicalmente abolido.

Ha, ainda, um tipo de pequenas que se lastimam porque não têm um tipo definido e, assim, não podem pender para esta ou aquela côr, este ou aquêle colorido de pele. Para estas temos o consolo de lhes dizer que Norma Shearer está entre elas e Norma Shearer, uma autoridade em bom gosto e moda, afirma que se sente imensamente feliz por não ter tipo definido, isto é: não ser loura, morena ou trigueira. E' intermediaria. Tem um pouco de cada uma delas e, assim, pode fazer uma mistura de côres, obtendo, é logico, o resultado final feliz para si e para os que a admiram tanto. Outrotanto poderão conseguir as pequenas que pertencerem á este tipo de mulher que estamos descrevendo.

Ao escolher a côr de fazenda que deva ornar melhor para o seu tipo, o cuidado principal deverá ser, sem duvida, olhar para o tratamento do colorido da sua pele. A pele e os cabêlos representam, nêste particular, fatôres importantissimos. Quando coincidem as côres de ambos, então torna-se facilimo apreciar o que melhor virá ornar com a criatura que o traz.

Tratando de peles, aqui algumas cousas que eu gostaria de dizer sobre o tratamento de peles oleosas, sêcas e aveludadas.

A pele oleosa é o resultado do relaxamento dos póros. Solução: fechar os póros! Os cremes adstringentes e as loções adstringentes tambem. Se é moça, não use o adstringente senão para o fim necessario e, depois, cesse. E' esta a maneira de usar adstringentes: depois de espalhar *cold cream*, espalhe, sôbre o rosto, uma pequenina parcela de crême adstringente com as pontas dos dedos. Isto, pelo rosto e pelo pescoço e deixe sêcar até vinte minutos passados da aplicação. Tire o remanecente, depois, com um pano de algodão embebido em liquido adstringente. Lavando, depois, o rosto com sabão e agua morna, têm-se o rosto sêco e a pele sem o brilho que lhe dá o seu relaxamento de pele. Deve-se alternar a limpeza por agua e sabão com o *cold cream*. Não se deve usar crêmes que desapareçam na aplicação. Se pre-

(Termina no fim do número).

Florence Tobin
Betty Fowler
Helen Mann
Mary Jane Irving
Gerdine Grier
Elevyn Maines
Betty Roblee
Sylvia Sidney
e outras
pequenas
da
Paramount...

FLORENCE BRITTON
CLAUDIA DELL
E MARTHA SLEEPER

O VERDADEIRO

Está acontecendo alguma cousa a êste nosso jovem amigo. E' o que está compreendendo e sentindo o mundo todo. Se já se surpreenderam, os que o conhessem, com a seriedade sua em **A Tailor Made Man**, mais surpresos ainda ficarão quando virem **Just a Gigolo.**

E' a téla, hoje, que assiste á transformação radical que William Haines tambem vem sofrendo na sua propria vida intima e que Hollywood já notou, ha certo tempo. Não é bem transformação: é, antes, uma revelação do seu **eu** ha tanto escondido e apenas hoje visivel aos olhos daquêles que o conheciam sob outros aspetos.

A ràzão da criação do **clown** de sociedade que William Haines sempre foi, na vida e nos films, revela um trecho ironico na sua natureza humana. A's vezes, mesmo, é uma história um pouco triste... Haverá, pergunto, cousa mais triste do que ver-se alguem curvar a propria personalidade para um plano que não é a sua, afim de satisfazer, unicamente, os pianos dos outros e não querendo mostrar os proprios?...

William Haines tornou-se artista de comedia, por medo. Medo e conselhos de amigos. Inegavelmente soube afivelar a mascara ao seu rosto e soube conduzi-la com sucesso e vitória absoluta pela sua carreira toda. Não é possivel que se veja, atrás do tipo de homem que êle tem revelado nos seus trabalhos e na sua vida pública, em Hollywood, um homem de pensamentos sensatos e atos serios. Ser moleque, para êle, representou conseguir o sucesso, a vitória. E foi por isso que êle ingressou pelo genero malandro de comedias que o elevaram ao posto que hoje ocupa no conceito geral dos povos de todas as nações.

Olhando a Bill, ninguem imagina e nem supõe quais sejam os seus aborrecimentos e os seus transtornos em relação á sua carreira. Comentemos e apreciemos um pouco da sua vida.

Bill nasceu na cidade de Staunton, na Virginia. Sua familia, das mais velhas da localidade, não era rica e vivia de trabalhos constantes. De cinco irmãos, Bill era o mais velho. Aos quatorze anos, julgando-se pesado aos pais e querendo tornar á luta que fôra a glorificação dos seus antepassados, afastou-se do lar e arranjou um emprego.

Esse emprego não durou muito. Em seguida ingressou para a Escola Militar de Staunton.

Quédas financeiras atiraram George A. Haines, seu pai, a um descredito tamanho que o fôrçaram a mudar-se de Staunton, indo, com a familia, para Richmond. Lá conseguiu Bill um emprego numa casa de secos ganhando 7 **dollars** por semana. Em seguida, de mudança em mudança, foi êle ter a New York por intermedio de um emprego que tinha com a Kenyon Rubber Company. Aí deixou êle êsse emprego e arranjou-se como assistente de guarda-livros na casa de cambio de S. W. Strauss.

Até aqui, vê-se, muito motivo não houve para William Haines rir. Nos seus tempos de escola era acanhado e simples e cantou, mesmo no côro da igreja episcopal.

New York não lhe sorria mais do que os seus tempos na Virginia. Tudo era dificil. O ganho era infinitamente pequeno.

Houve, na vida de Bill, um amigo que de muito lhe valeu e muito fez, mesmo, por êle. Apresento-o, certa feita, á uma mulher que teve um longo e duradouro dominio sôbre certos aspetos da vida de William Haines. Ela principalmente, é que elevou sua moral e o fez compreender que, com a personalidade que tinha, devia ser mais alguma cousa do que uma simples criança de escritorios, sem maiores estimulos.

Nebulosas, emboras, as oportunidades para êle conseguir ser aquilo que a sua camarada e muito amiga lhe aconselhava, chegaram. Bijou Fernandez, uma pequena que muito auxiliou a Samuel Goldwyn, em certo periodo, parou os passos de Bill, na rua e convidou-o para um **test** pelo Cinema. Confiando na sinceridade do convite, depois, de o ouvir repitido, várias vezes, pois não tinha a menor confiança em si proprio, aceitou a proposta e o **test** foi fotografado. Valeu-lhe um contrato.

Havia, nessa epoca, procurando conquistar Hollywood, uma pequena cujo futuro era quasi identico ao dêle, e cujo acanhamento ainda era maior do que o de Bill. Era, ela, Eleanor Boardman.

Quando êle chegou, pelo seu aspeto, pelo seu todo e pelas suas vestes, atenção alguma chamou e, ao contrario, era alvo de assaltos de risos e ironia. Hollywood só tolerava galãs **a la** Valentino e um tipo como William Haines ainda não podia ser sucesso, absolutamente. Além disso, ainda não tinha o seu espirito de sadio humor, como adquiriu depois e, assim, poucos predicados oferecia aos que o haviam contratado e aos olhares dos demais.

Em pouco tempo fazia êle várias amizades. Muitas delas, mesmo, até hoje conservadas. Todos êles lutavam igualmente pela conquista do Cinema e, assim, já melhorou êle de sorte, porque ao menos tinha ao lado algumas creaturas que sofriam tanto quanto êle e eram suas amigas.

Chegavam os seus pequeninos papeis em: — **Circe, a Encantadora, Vinho, Jazz, Riso e Amor, Castelo de Ilusões, Sally, Irene e Mary,** para não citar **A' Margem do Deserto,** com Buck Jones, **Sangue Nobre, O Rapido da Meia Noite, A Foragida do Castelo de Pless, A Esposa do Centauro, Quando Floresce o Amor, O Que Mais Importa ás Mulheres, Escrava do Luxo, Caçadôr de Emoções** e mais alguns para a Columbia, Universal, ás quais a M. G. M. o emprestava.

Fez êle, nessa ocasião, mais uma amizade: Polly Moran, a criatura que hoje é a sua melhor camaradagem e a sua amiga mais sincera.

Polly conhecia perfeitamente bem todas as quadrilhas de Holly

...ood. Aconselhou Bill a mudar o seu tipo, porque, caso contrário, nada seria e nada conseguiria na vida. Achava-o muito serio, muito sobrio demais, nos films em que aparecia e, o que era peor para êle, ao lado de John Gilbert, Norma Shearer e outros grandes nomes de fulgor intenso. Achava, ela, que Bill devia tornar-se moleque, atrevido, ousado. Tinha um rôsto muito sincero e muito agradavel, que o aproveitasse. Devia rir mais, fazer toda sorte de maluquices!

Bill decidiu, um dia, seguir êsses conselhos da sua melhor amizade em Hollywood. A principio com certo acanhamento e, depois, com sensiveis melhoras para o seu desembaraço, pondo já a todos de olho nêle e sôbresaindo-se numa evidencia que êle proprio não esperára tanto. Hollywood começou a ficar cheia de casos dos quais Bill Haines era protagonista, tais os exageros e micagens fazia êle.

WILLIAM HAINES

Tornou-se, de vez, a figura mais divertida de Hollywood!

— Sou recem graduado pela "Escola Pola Negri de Conclusão de Jovens Artistas", quer queiram, quer não.

Dizia êle e a piada era vastamente gosada.

Foi por aí que a M. G. M. decidiu fazer **Mocidade Esportiva.** Sem ser clown, Bill havia estabecido o maior **clown** da Cidade. Era, assim, o unico Brown que a M. G. M. podia encontrar para viver o principal papel. Êle sabia, além disso, que seria, êsse film, a sua maior aventura e o seu maior sucesso, se êle se saísse bem.

Sendo, na verdade, o verdadeiro **astro** do film, se bem que Jack Pickford e Mary Brian figurassem em planos identicos, Bill vencia apenas 250 dollars por semana. Jack Pickford, em papel inferior, 3.000... Bill pouco se importou com isso. Nem que fosse necessario pagar 250 em vez de receber, êle pagaria, contanto que o papel lhe fosse dado. Êle sabia o que seria êsse papel, na sua carreira e por nada dêste mundo trocaria aquela sua oportunidade.

Mocidade Esportiva foi um film que movimentou massas e pôlas, todas, admiradas com o film e principalmente com êle Bill. Tornou-se um novo tipo, dentro do Cinema e fez-se celebre, do dia para noite. Logo a seguir a M. G. M. pô-lo em **O Convencido** e o sucesso repetiu-se. Seu nome já era vastamente conhecido e daquêles que, só êle, valia uma afluencia desusada para os Cinemas.

Hoje, Bill Hines é um dos artistas melhor pagos, na M. G. M. e um nome que já é universalmente conhecido e celebre. A Polly Moran, entretanto, êle deve todo êsse sucesso e não cança de isso dizer a todos que o conhecem e a ambos estimam.

Comprou êle, para sua Mãe, uma linda casa a qual mobilou com fino gosto, revelando, mesmo, no carinho com que o fez e na escolha de antiguidades e outras cousas raras para enfeitá-la, o seu perfil de rapaz serio e ajuizado apesar do seu exterior ser tão diferente.

Abriu, recentemente, com o auxilio de Mitchell Foster, uma casa de antiguidade, mesmo, negociando com muita felicidade no **boulevard La Brea.** Especializou-se, depois, a casa em vendas de mobiliarios de estilo inglês e americano antigo, tambem. A sua coleção particular de moveis antigos americanos é uma das mais completas do País, mesmo.

O circulo de suas amizades restringe-se, hoje, aos seguintes: Charles Lederer, Polly Moran, Roger Davis, Jimmy Shields, Marie Dressler, Marion Davies, Larry Sullivan, Foster e mais alguns outros.

Lembram-se dêle em "Jazzmania" com Mae Murray? E' o primeiro na fotografia.

Numa cena de "Evitando o pecado", um dos seus bons films.

Agora, já estabelecido na arte e no conceito público, resolveu êle tentar uma mudança em dois temas que lhe trariam suficiente opinião pública para tentar ou não continuar no genero ao qual se está dedicando, ultimamente e ao qual devota a maior adoração da sua vocação de artista. **A Tailor Made Man** foi o primeiro e **Just a Gigolo,** agora, o segundo, ambos os temas para adultos e êle em papeis bem diferentes dos antigamente tão explorados por êle. Depois que o público se manifestar é que êle vai tomar a definitiva resolução, de acordo com os seus ajuizados chefes.

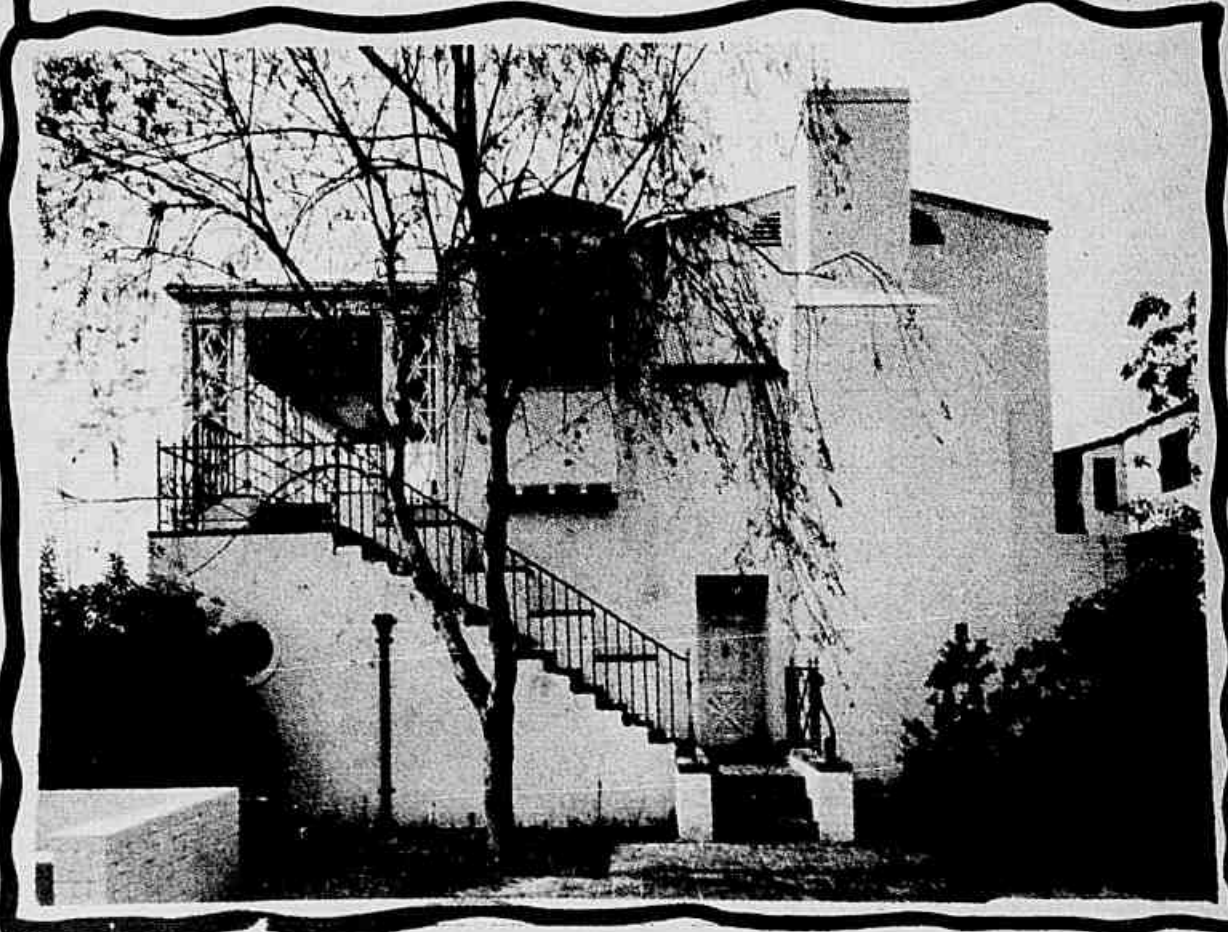
Que tal? Como preferem a William Haines? Moleque ou rapaz serio?

Richard Wallace, que devia deixar a Paramount, para assinar um novo contrato com a Warner, ficou com a Paramount, já tendo pôsto seu nome sob novas clausulas. Norman Taurog, Eddie Sutherland, Norman Mac Leod e Lothar Mendes tambem tiveram seus contratos renovados e, novos, contratou a Paramount os seguintes: Guthrie Mc Clintic, Ernest Schoedsack, Ira Hards, Stuart Walker, Monta Bell, Berthold Viertel e Elavko V lKapich

* * *

Estelle Taylor, em **Street Scene,** da United Artists, que King Vidor está dirigindo, terá um papel de mãe.

A sua casa...

A verdadeira vida de

Injustiçada pelo juizo de muitos. Condenada por julgamentos de pessôas que, talvez, sejam muito mais culpados do que ela mesma, Clara Bow tem sido vitima, ultimamente, do pouco caso dos produtores, das infamias dos jornais e da má publicidade para os seus trabalhos de artista sincera. Aqui alguma cousa que é a VERDADEIRA VIDA DE CLARA BOW.

——oOo——

Pobre, infeliz Clara Bow, a pequena que tem ajudado a todo mundo e que não tem ninguem que a ajude, desinteressadamente... Num sanatorio, agora, acha-se ela, bem doente, sériamente atacada de histeria agúda e, tudo isto, apenas o resultado da sua vida amargurada e dos seus continuos maus tratos, por parte do destino e das circumstancias. De saúde abalada, de espirito abatido, ela ainda não sabe se sobreviverá aos ataques da sorte ou fenecerá, para sempre, qual flôr á qual negam a agua que mitiga a sêda e o ar que dá seiva nova.

Ao passo que ela, vencida de desanimo, acha-se num hospital, tendo, no seu passivo, apenas vinte e cinco anos de vida, Robert Bow, seu pae e Rex Bell, o seu único amigo sincero, tudo fazem para anima-la e consegui-la para a vida, novamente, com todo animo e coragem. Querem que ela volte e mostre aos outros que se iludiram.

Juntos com Robert Bow e Rex Bell, acham-se outras criaturas que tambem se interessam por ela e, rezando pela sua melhora e pela sua volta ao completo restabelecimento, todos aquêles que dela receberam obulos e beneficios, numero não pequeno, por certo.

Clara, que aprendeu, na propria vida, que não se deve fiar em ninguem, tem tido apenas um consolo: as cartas que lhe têm enviado seus *fans*, maiores em numero e consoladoras, em palavras, de todas as partes do mundo, animando-a e pedindo-lhe que não deixe de lado a sua carreira em troca de um ingrato esquecimento.

O seu maior erro, se ouvirmos seu pai, que nos merece credito, é a sua natureza extremamente confiante. Daquêles que ela gosta, nada quer saber senão auxiliar. Deu pleno credito ao agente que a trouxe a Hollywood, pela primeira vez; acreditou na sinceridade maneirosa e fingida de Daisy De Vow, a sua hoje celebre secretaria que se acha cumprindo a pena pelo roubo que fez, e, tratou-a, sempre, como irmã mais do que sua empregada.

Os mais chegados a ela, dizem que Clara deu ao dr. William Earl Pearson, importancias grandes em dinheiro para que êle completasse seus estudos e que, afinal, iam para as mãos de uma esposa da qual ela cria o rapaz absolutamente separado, pela confiança que déra a sua palavra.

Quasi todos os homens com os quais teve um romance, tiraram o que mais puderam dela. Sedutôra como é, para os homens, tem tido muitos romances, sem duvida. Tem, em grande quantidade, aquilo que os romancistas chamam de atração sexual. E' uma expressão um tanto ou quanto grosseira, sem duvida, mas a unica que aqui se pode usar para melhor contar a especie de sentimentos que ela despertou em homens que amou com religião e que não a souberam compreender com dignidade.

Os casos de crenças suas e desiluzões, em seguida, na sua vida, vêm uns atrás dos outros. Todos êles se tornaram parazitas e alguns, mesmo, viveram declaradamente do seu dinheiro e do seu conforto ganho a custa de intenso trabalho e sacrificio.

Clara Bow, entretanto, buscava apenas uma cousa, queria apenas uma dadiva do destino: felicidade! Queria amar, ser compreendida, e queria, quanto mais pudesse, tirar da miseria criaturas que nelas visse. Lembrava-se da sua infancia e não desejava, para outros, as miserias que ela propria havia passado, em pequena.

Nasceu, ela, á 29 de Julho de 1906 numa pobre casa, em Brooklyn, New York, de uma mãe que era muito doente para poder ter filhos e levou, até desmaiar durante uma filmagem, no Studio da Paramount, uma vida de tragédias, umas após as outras. Heroica, cheia de uma disposição sempre alegre e feliz, para tudo, amorôsa e delicada, lutou ela contra os maiores obstaculos e venceu-os a todos, a poder de muita fé e muita força de vontade. Bem por isso é quasi uma velha, aos vinte e cinco anos e sucumbiu aos seus nervos quasi totalmente gastos.

Se ela fôsse menos franca, menos sincera e menos amorosa, não teria sofrido isso tudo, com certeza. Teria sido mais feliz.

A filha de Robert e Sarah Gordon Bow, entretanto, não aprendeu a fingir, jamais. Nunca usou de artificios. E' sincera, natural e, por isso mesmo, incapaz de lidar com gente que não tem esses dotes.

A primeira vez que me encontrei com ela tive uma das maiores provas do seu carater réto e digno. Tinha ela acabado de assinar contrato com B. O. Schulberg e J. Bachmann, da Peerless Pictures, e, depois disso, deveria ir a Hollywood afim de fazer uma série de films.

Era eu, nessa epoca, redatora Cinematografica do "Morning Telegraph" e tinha escrito muitos artigos favoraveis e elogiosos á essa pequena que tão bem figurará a em *Rumo ao Mar* (Down to the Sea in Ships).

Morris Ryskind, áquêle tempo chefe de publicidade da Peerless e, hoje, escritor da M.G.M., telefonou-me e pediu-me que almoçasse nêsse dia com Clara Bow. Encontramo-nos, segundo marcado ficou nessa conversa com Morris, um encontro nos escritórios da empresa, em New York.

— Vamos ao Ritz?

Perguntou êle a Clara que seguia no dia imediato para Hollywood.

— Não! Para que irmos estragar a festa a um logar tão cerimonioso? Come-se muito melhor num restaurante Chinês, qualquer, na Broadway e ainda se dansa, tambem...

E foi assim que fômos a um dos peores restaurantes de New York, todo cheio de dragões e cousas chinêsas, afim de almoçarmos e conversar eu com Clara Bow, antes dela ir vencer definitivamente em Hollywood, como de fato venceu.

— Diga a jornalista, Clara, o quanto você tem apreciado os seus artigos a seu respeito, principalmente pelas delicadas referencias que sempre tem feito de si.

— Todos os dias eu leio a sua secção. Disse ela, num sorriso. E terminou.

— No *World*...

Mal disfarçou a sua comoção, certa de que havia errado. Morris, ouvindo, resmungou, baixo, suficientemente baixo para que eu ouvisse, embora fingisse radical descuido de atenção.

— Telegraph! Telegraph, Clara!!!

Ela, ouvindo mal, emendou, sempre sorrindo afim de me agradar.

— No *Telegram*, digo, minha amiga...

Senti ter rido, naquêle momento, mas não consegui deixar de o fazer quando vi a cara que fez o Morris e a atrapalhação em que ficou Clarinha. Disse-lhe, com a minha franqueza, tambem.

— Diga-me a verdade, Clara, você jamais leu uma linha do que eu tenho escrito, não é?

Ela pensou pouco. Respondeu, olhando-me nos olhos, resplandecente de franqueza.

— Para que mentir? Jamais li e nem siquer de si havia ouvido falar, a não ser hoje de manhã, quando me convidaram para almoçar consigo... Já me custava bastante êste fingimento todo, confesso...

Memos com o risco do meu desagrado, Clarinha não quiz mentir. A sua honestidade impressionou-me, acima de tudo. Principiei, naquêle momento, a ter por ela uma profunda estima e cheguei a achar o restaurante chinês uma maravilha... Ano a ano aumentou essa amisade que embora de longe, ás vezes, tenho tido por Clara Bow Fruto, sempre dêsse nosso primeiro e inesquecivel encontro.

Mas Clarinha é de circo

Quando entrou para o Cinema

Clara Bow

MUITOS ANOS ANTES DE CONHECER HOLLYWOOD E A VIDA..

PRIMEIRO CAPITULO

Esta história da vida de Clara Bow, é, realmente, um documento para os "fans" em relação á estupenda e tão malsinada artista que se acha, presentemente, afastada das telas e em tratamento de sua saúde. Sendo o artigo longo, não é possivel transcrevê-lo em uma ou duas vezes e, assim, ainda algumas vezes sairão.

Se logo depois de Frederic Girnau, com sua venenosa pena, ter iniciado a sua série de artigos canalhas e mentirosos a respeito de Clara Bow, no *Coast Reporter*, houvesse ela aceito a proposta que lhe faziam o pai e Rex Bell, de comprar o jornalista pela importancia que êle pedia (que hoje, felizmente, pagou com a cadeia e com a condenação da opinião pública) pensem ao que teria ela escapado. Os artigos, entretanto, chocaram profundamente Hollywood. Clara Bow disse, sincera como sempre, que não comprava, porque nada devia e nada temia. Pagou caro a sua eterna mania de ser franca e crente nos homens...

Se quando Daisy De Vob, a sua deshonesta e pouco escrupulosa secretaria pediu 125 mil *dollares* para se conservar calada, houvesse Clarinha pago essa importancia, embora sendo covarde, não teria ela dito as mentiras que disse e nem inventado as maroteiras que inventou no seu depoimento que pagou, aliás, com a prisão. Isto, entretanto, ainda mais preveniu Hollywood contra Clara Bow. O seu remédio era ter sido covarde...

Se ao tempo em que o dr. William Earl Pearson, medico em Texas, dava entrevistas aos jornais, houvesse Clara declarado, por sua vez, com os documentos que tinha, quais as maneiras falsas e canalhas que êle usára para usurpá-la, teria tido a simpatia geral e teria condenado um patife. Mas a pequena que Elinor Glyn crismou com o nome de *It*, por ser, exatamente, a maior afirmação dêsse "fenomeno", não quiz saber disso. Preferiu continuar sendo bondosa, quando devia ser ainda mais patife do que os proprios patifes que assim atiravam o seu nome á sargêta.

As tragédias de Clara Bow, no entanto, não datam de dias proximos ou presentes. O seu nascimento já foi uma atribulação. Antes dela vir ao mundo, outros dois irmãozinhos seus haviam nascido mortos, frutos da natureza agitada e extremamente doentia de sua mãe. O seu temôr de um outro filho era medonho.

— Sei que é mais um filho que morrerá.

Dizia a pobre criatura.

— Morrerá como morreram os outros. Se me puzerem mais um filho morto nos braços... Não respondo por mim, palavra!

Era a agonía de uma criatura profundamente sofredôra. Robert Bow tentou em vão confortar a sua pobre e loura companheira.

— Sei que este viverá!

Afirmava êle.

— Tenha coragem! Seja forte para você e para êle, peço!

Dizia, sempre falando brandamente a pobre criatura. Robert Bow casou-se com a linda Sarah Gordon depois de ser seu amante durante sete meses.

— Conheceu-a por intermedio do meu irmão Harry. Quiz imediatamente casar com ela. Circumstancias especiais fizeram-nos amantes, mas assim que foi possivel, fí-la minha esposa. Ela já era doentia, então e seu pai contou-me, préviamente, que sofria de ataques e desmaios, ao que eu respondi que teria suficiente cuidado com ela para que se fortificasse e sarasse dos seus profundos males.

Os anos se passavam, entretanto, e, em vez de melhorar, Sarah peorava. Havia ocasiões, mesmo, quando ela cria morrer mesmo antes da chegada do medico, tão violentas eram as crises que a assaltavam.

A esta doentia mãe e êste pai curvado ao peso de responsabilidades inumeras e trabalho intenso, nasceu Clara Bow numa casa pauperrima de Brooklyn.

O parto que a deu ao mundo, não foi simples. Nasceu perfeita, entretanto e viveu, a maior alegria de todas, sem duvida. Sua mãe, que quasi morreu, depois de a ver nascer, mostrou-se de devoção quasi fanatica pela pequerrucha. Robert Bow, seu pai, que secretamente temia que o filho nascesse morto, rejubilou-se intensamente com o auspicioso fato.

Robert Bow não tinha dinheiro algum de seu. Os empregos, além disso, eram poucos e raros. Êle, entretanto, o que poude fazer para dar felicidade á sua pobre mulher e á sua querida filhinha, fez. Levava uma vida apertadissima e, para que vivessem elas com certo conforto, particularmente de sustento, privava-se êle do mais rudimentar vicio, o fumo, só para não lhes poupar nada.

— Não me envergonho de dizer que mesmo ruas eu limpei, como lixeiro. Nada mais havia para aceitar. Foi o ultimo recurso e não me envergonho de o haver aceito. Antes isso do que o roubo. O que me foi possivel fazer, para suavisar os passos de Sarah e Clarinha, fiz. Mesmo que eu passasse fome eu o faria.

A pequenina cresceu e, ao passo que crescia, fazia-se corada e forte. Tinha grandes olhos negros. Assim que começou a andar, a raciocinar, a falar, imitava todos da casa e era, desde então, prodigiosamente inteligente.

A saúde de Sarah peorou. Os empregos, para Robert, tornaram-se mais dificeis de conseguir. Peorando o estado da mulher, temia êle, o dia todo, emquanto trabalhava, que ela cometesse alguma violencia contra a criança e, assim, jamais podia ter o espirito em sossego.

Êsses dias da infancia de Clara já eram negros e cheios de tragédia. Ela adorava sua mãezinha a loura criatura de olhos azues qu havia fascinado Robert. Mas ela andava estremamente doente e nem siquer ter a filhinha nos joelhos ela podia, porque forças não lhe sobravam para tanto. Além disso, a sua grande tenção nervosa a impedia de suportar qualquer rumor com simpatia.

Mais tarde, Clara soube que sua mãe sempre tivéra aversão a tudo quando se referia a teatro ou Cinema. Apenas mencionando o nome de uma artista, na sua presença, era tê-la contrariada pelo resto do dia todo.

Aos cinco anos, entretanto, sofreu a sua primeira verdadeira e grande tragédia. O seu avô Gordon residia com os Bows. Era um velhinho bom e meigo que a queria muito. Um dia, depois de lhe ter contado algumas historias, pôs-se rijo e frio e tombou ao solo. Era um colapso. Durou apenas dois dias mais...

Sózinha, no mundo, isto é, sem um só ente que a acariciasse, que a segurasse ao colo e a ninasse para dormir, sentiu-se ela profundamente infeliz, já criança assim. No dia em que o velho morreu, ela pediu ao pai que a levasse até ao lado do caixão e, quando lá chegaram, ela começou a chorar, devagarinho e disse ao pai, tremula de emoção.

— Quero ficar um pouco aqui. Tenho medo que êle esteja muito sózinho...

Já aos cinco anos não queria ver ninguem sofrendo. Os seus impulsos amorosos, grandes como sua propria alma, foram trazidos do berço. Clara Bow sempre foi assim: temeu deixar os outros sózinhos... E nem todos souberam compreender a grandiosidade dêsse coração sem par.

A saúde de Sarah peorou com a morte do pai. Tornou-se mais melancolica, mais retraída, mais diferente. Pouco falava ao marido e menos ainda á filha. Uma vez, emquanto conversávamos, disse-me Clara Bow a seguinte frase:

— Faça o que fizer, o destino é contra mim. Quando eu tinha 4 anos de idade, um menino meu vizinho morreu queimado. Corri para êle, pois fui a primeira a ouvir e fui a única que o teve nos braços, quando morria, por que sua mãe não estava ali. Êle me disse, gemendo de fazer dó: "Clara... dóe tanto!". Não creio que lhe doêsse tanto quanto doeu a mim. Minha mãe era doente ao extremo e aquêle garoto era toda minha alegria, lembro-me muito bem disso. Apenas chorei da mesma fórma, depois, quando minha mãe morreu. Êste foi o golpe mais rude que já sofri na minha vida.

Nestas vizinhanças mal agouradas de Brooklyn, Clarinha fez-se menina. Seu pai sempre na luta, sua mãe cada vez peor. Duas vezes por semana era acometida de ataques. Vizinhos de Clara, um dia, contaram-me, falando nela, que viram-na jogando ***baseball*** nas ruas, com os moleques das redondezas. Era o divertimento daquela que não tinha ninguem por si e nunca teve, mesmo, porque tinha o pai sempre trabalhando e a mãe entrevada num leito ou numa cadeira de sofrimentos. Clara

(Continúa no proximo número).

Carole Lombard assemelha-se e representa como se fôra uma edição *junior* de Constance Bennett. Apresenta o mesmo penteado. Tem o mesmo modo de falar. Identicos os métodos de expressão... As conversas versam sobre os *mesmos* temas e, em tudo e por tudo, sugere e lembra malicia, malicia e mais malicia!

Como e porque Constance Bennett chegou á êsse ponto, é facil descobrir. Alguns anos de experiencia, de estudos, fizeram-na a mulher insinuante e pecaminosa que é. Mas... e Carole Lombard?... Ela sempre viveu em companhia de sua mãe! Onde conseguiu ela êsse mesmo cunho que é o maior caracteristico de Constance?...

Se não lhe surpreende o fato dela ser uma criatura estremamente maliciosa, aos vinte e dois anos que presentemente tem, dir-lhe-emos, entretanto, que *aos dezeseis,* ainda uma criança, portanto, já era a mesma criatura maliciosa e perigosa que hoje é...

E agora?...

Chamava-se Jane Peters, então. Era uma colegial que tinha um *cenario* absolutamente familiar a circundá-la. Educava-se brilhantemente e era o tipo da pequena familia. Vivia num dos melhores bairros de Los Angeles e mais proximo do que longe de Hollywood.

A descrição que faço, acima, não é aquilo que era Jane Peters aos dezeseis. Tentarei, a seguir dizer melhor o que ela era...

Tinha o todo da pequena de maior idade. Ao menos vinte e dois anos já parecia ter. Constance Bennett e Gloria Swanson não punham certos vestidos com o *chic* e a fascinação que ela punha. Costumava saír acompanhada de senhores e não apreciava os inocentes meninões por companhia. Era frequentemente vista e apreciada no Cocoanut Grove, já naquela epoca...

Quando vi Jane Peters pela primeira vez, ha seis anos, julguei, palavra, que ela fôsse uma criatura divorciada. Era vista, 99% das vezes, em companhia de homens reputadamente *aguias*. Usava com brilho uns chapéuzinhos de penas mais ou menos identicos áquêle que Evelyn Brent trazia em algumas esplendidas sequencias de *Paixão e Sangue*. Os seus vestidos colantes e elegantissimos eram o cúmulo da provocação. Brincos de jade, enormes, pendiam de suas orelhas. Usava mais *baton* do que muitas das frequentadoras do Cocoanut. Seus saltos eram mais altos do que os delas e como naquela epoca as modas exigiam vestidos curtos, os dela iam para cima dos joelhos, mostrando, plenamente, um par de pernas invejavel. Trazia colares de perolas genuinas e ninguem podia supôr que fôssem bôas imitações, principalmente pelo fato dela só os trazer aliados a joias que mostravam seus valôres e suas especies.

A sua chegada, ali, costumava ser uma especie de curto estase entre os presentes. Era mais gritante do que berros de trombêtas... Todos, ali conheciam Jane Peters. Sorria muito e movia-se com uma graça e uma sedução invejaveis! Costumava sentar-se bem ao centro da sala e era das dansarinas mais apreciadas e mais solicitadas, em todo ambiente.

Eu passava noites inteiras espreitando Jane Peters. Gostava do seu sorriso e apreciava o seu modo louco de dansar. Costumava invejar, mesmo, o homem que usualmente a acompanhava. Não merecia êle, na verdade, a maior parte da sua atenção, mas, apesar disso, acompanhava-a, o felizardo... Sua mêsa era das que mais homens tinha, em todo salão. Ela os atraía e, depois, tratava-os com uma solicitude tão impessoal, tão afetada que passei a admirar mais uma de suas admiraveis qualidades: a de artista: E não me enganei, realmente.

Julguei, por vezes, na minha inesperiencia de então, que ela fôsse a mulher mais eminente da cidade. Devia ser divorciada, sim e disso não podia eu duvidar... Era, mesmo, uma especie de mulher que embebedava e envenenava, a um só tempo...

Foi aí que me informou um amigo que ela tinha apenas *dezeseis* anos de idade.

Desapareceram, como por encanto, todas as *virtudes* que eu tinha imaginado para Jane Peters. O que eu admirára, profundamente, na minha *divorciada* que tanto admirava, passou a ser ridiculo numa pouco mais do que colegial... Sentia que ela havia iludido minhas forças masculinas na observancia do lado feminino da sua vida. Foi por isso, principalmente, que jamais me juntei aos blocos de admiradores que ela sempre teve em torno de si.

Preferi espreitá-la a distancia...

Por isso tudo, é que quando eu entrei pelo camarim de Carole Lombard a dentro, no Studio da Paramount, perguntava eu a mim mesmo: "por que seria tão maliciosa áquela criança de dezeseis anos que era a Jane Peters que eu conhecêra na forma descrita"?...

CRIANÇA

Seriam, realmente, Jane Peters e Carole Lombard uma e a mesma pessôa? Teria Carole, por sua vez, retido o encanto e a atração de Jane? Encontrei o seguinte:

— Uma moça elegante sentada numa magestosa poltrona de couro vermelho, tomando chá. Trazia, sôbre a pele, um vestido de veludo preto de passeio e estava profundamente elegante. Das costas da pol-

trona, para o chão, pendia uma *renard* prateada de preço imperguntavel. Percebi, ao passo que nos diziamos o *Hello!* habitual aos que si encontram, que não usava mais o colar de perolas. Nem os brincões de jade. Nem o chapéu de plumas. Nem os saltos de quatro polegadas... Mas era sempre a mesma, sob um aspéto: continuava provocante, maliciosa, perigosa. A mudança que se operára fôra infinitamente para melhor e ela estava, deante de mim, mais provocante e mais maliciosa do que jamais esteve.

Com alguma coragem, confesso, resolvi contar a Carole Lombard o que eu pensava e o que eu penso de Jane Peters. Depois que terminei o que lhe tinha a dizer, calei-me e não procurei seus olhos. O seu modo de olhar alguem dentro da vista é perigoso e profundamente desconcertante.

— Você acaba de me dizer que acha Jane Peters, ou melhor, achava-a... Uma criatura desmiolada e sem modos, não é isso?

Fugiu de mim o meu resto de coragem. Ela continuou e não abriu maior parentesis para minha resposta.

— Tem razão. Eu mesma acho que ela era, na verdade, um pouco doida. Mas aquilo era, digo-lhe, alguma cousa como que um escudo a protegê-la daquilo que ela exatamente não sabia o que fôsse mas que já encarava como um perigo. Ela conhecia outras pessôas e o medo de si parecer com as mesmas é que a tornava assim... Quando souber a historia que acompanha o ambiente da malicia toda daquela pequena, meu amigo, você mudará radicalmente a sua idéa. Quer ouvi-la?...

A minha resposta foi acender o cigarro que ela estendia para o meu isqueiro que, apesar do tremôr da minha mão, não falhou...

— Eu não conheci, naquela idade em que me conheceu, o que fôsse companhia de meninas da minha

Maliciosa

idade. Jamais aprendi a compreendê-las ou a aceitá-las, mesmo. Tudo isto parte do tempo em que eu era apenas uma menina e meu pai separou-se de minha mãe por um divorcio. Isso foi, mesmo, a razão central de todo meu procedimento. Mamãe era dessas criaturas que não passam sem arrimo e, quando não o encontram, passam a mão no primeiro que lhes aparece... Eu fui, para ela, justamente êsse primeiro arrimo que apareceu. Passou ela a confiar em mim, uma criança, como se eu fôsse sua verdadeira tutôra...

— Bem vê, meu amigo, assim, que os papeis se inverteram: fiz-me mãe de minha mãe... Era ela que precisava de conforto, de carinho, de companhia. Eu?... Ora, eu... Cuidava apenas da solidão que era o ponto mais negro da vida de minha mãe e começava a achar que aquilo era, mesmo, a cousa mais natural do mundo.

— Eu tinha irmãos mais velhos, sim. Êles tambem aceitaram-me como mãe e, assim, passei a ser a tutôra de toda familia, embora, a começar por minha mãe, fôssem todos mais velhos do que eu... Tudo me contavam, dêsde seus pequeninos aborrecimentos particulares e esperavam o meu conselho de *dezeseis* anos... E tem sido isso até hoje, creia!

De forma geral, em pouco tempo eu era mais um rapaz do que uma moça, mesmo. Tanto me meti em negocios de meninos, rapazes e homens que, afinal, acabei achando, naturalmente, a cousa mais tôla e insípida do mundo a companhia de uma menina da minha idade. Elas, as pequenas da minha idade, por sua vez, notavam, com certeza, alguma cousa diferente em mim e, assim tambem não me procuravam. Foi por isso que, consequentemente, não tive eu companhias do meu sexo. Minha mente, meus pensamentos eram totalmente masculinizados. Os homens, quasi todos, queriam-me pelos meus atríbutos femininos, a principio. Depois despiam-se dêsses pensamentos e tornavam-se meus maiores camaradas pelo aspéto masculino das minhas idéas exatamente.

— Tanto passava eu ao lado de minha mãe os meus dias e os meus momentos que me familiarizei extraordinariamente com os amigos, homens de certa idade e de certa experiencia, tambem. Faziam-me êles participante de todas as suas discussões, mesmo as mais ousadas e punham-me, com facilidade tremenda, deante dos mais violentos dilemas sexuais. Minha mãe via isso. Mas ela tinha uma forma diferente de educar e, assim não proíbia que eu ouvisse nada do que diziam aquêles cavalheiros sazonados e, assim, tornava-me eu uma mulher, completa, justamente no tempo em que apenas devia ser uma menina votada a bonecas.

Talvez compreenda melhor, agora, o "porque" de achar-se sempre Jane Peters no Cocoanut Grove, meu amigo, em companhia daquêles senhores. Eu refletia como um homem, tinha os pontos de vista de um rapaz. As qualidades femininas, em mim, limitavam-se á minha conformação física.

Era tambem por isso que naquela epoca eu aparentava ter mais seis anos de vida do que realmente tinha. Eu não suportaria um vestido adequado á minha idade e, assim, usava aquêles que me envelhe-

(Termina no fim do número).

Poucos eram os artistas de real merito e, diante dos olhos do mundo não passavam sem um certo ridiculo que os proprios modos da industria justificavam. Um sopro de ignorancia alizava os cerebros todos de Hollywood e o poder do ouro era o maior profanador de qualquer realização sadia.

A Gloria Swanson que eu conheço

Elinor Glyn, a escritôra á qual já nos temos referido, tantas vezes, diz o que se segue a respeito de Gloria Swanson.

* * *

Ha dez anos que vejo Hollywood de perto e posso dizer que têm sido mais do que sensiveis as suas modificações. Tudo tem mudado muito. Não são as mesmas as forças de antigamente e não mesmos os métodos. Grandes nomes — Barbara La Marr, Alma Rubens... — não existem mais. Casamentos felizes roubaram outras para o lar — Phyllis Haver, Dolores Costello — e tantos são os casos de mudanças e transformações radicais que nem dêles todos nos podemos lembrar. Poucas são, entretanto, aquelas que ainda conservam o mesmo brilho, a mesma fascinação, o mesmo encantamento. Entre estas, Gloria Swanson, com certeza, uma mulher que jamais perdeu a sua fascinação, uma criatura que se torna cada vez mais encantadôra, vôem os anos quanto queiram.

Naquêles tempos, os fins não eram os temas sensuais, realistas que hoje são e nem tão artisticos. Os vestidos eram ridiculos, os tratamentos ás histórias aleijões que as deformavam totalmente.

Lembro-me perfeitamente do primeiro encontro que tive com Gloria Swanson, no Studio da Paramount. Foi justamente depois do nascimento da sua filhinha e ela ia voltar ao Cinema depois de quasi um ano de ausencia pelo motivo exposto. Ela ia ser, justamente, "estrêla" de um dos meus primeiros argumentos que Hollywood ia filmar: "O Grande Momento". Vi, num relance, que ela era uma das criaturas mais cheias de encanto e magnetismo que eu até então encontrára e isto sob aquelas vestes de antigamente, perfeitamente terriveis é que Hollywood mais terriveis ainda fazia com o seu toque exagerado. Uma das cousas que me surpreendeu, foi a sua altura. Eu a julgava alta, pelos seus films e, por isso, a sua pequena estatura fez-me surpreender. Confesso que jamais vi olhos azues tão lindos, tão cheios de vida e de encanto. Costumava pintar quadrinhos de olhos — só olhos. Sua pele côr de perola era fresca como uma rosa mal aberta e seus pés, em tamanho e perfeição, um poema! Não achava muito elegante o seu fisico, talvez por causa de um pouco de exesso de gordura e, por isso, lembro-me de aconselha-la, inumeras vezes, a fazer exercicios para afinar a cintura e emagrecer os contornos. Seu cabeleireiro era "Hatty", uma das mais habeis de então e, na verdade, uma mulata notavel que conhecia seu oficio e mais ainda embelezava aquêle rosto já por si só tão fascinante. Assim mesmo, usando vestidos exagerados, penteados forçados e poses de Studio, cumprindo ordens da diretoria, Gloria era alguma cousa que fascinava e deslumbrava, a um só tempo. Não sei, confesso, como a seu lado podia um homem conservar-se indiferente! E' logico que muitos dêles se "aqueciam": Gloria e o seu "it" inegualavel justificavam qualquer ousadia mais arrebatada...

Não ligava ela muitos aos livros, naquêia época. Ocupava-se com os divertimentos para a sua vida e o problema de se fazer uma das maiores "estrelas" do Cinema. Tornei-me sua amiga intima e por ela me afeiçoei imenso. Lembro-me de um dia em que me achava na sua "toilette" — quanto se rirá ela, hoje, lembrando-se disso... — "Hatty" massacrava a sua paciencia sob os cabelos lindos que ela tratava de acordo com o papel que estava vivendo. Nesse momento sôou o telefone. Não me foi possovel deixar de ouvir a conversa que se entabolou. Era alguem que falava da sua vida e comentava cousas que eram uma infamia atirada vilmente contra a sua pessoa. Foi nêsse momento que vi, claro, o espirito admiravel daquela mulher e o seu senso admiravel nas respostas que deu. Seus argumentos, perfeitamente uniformes, desconcertavam. Eu, uma mulher de mais idade e de mais conhecimento da vida, não teria respondido com aquela precisão e aquêle desembaraço aos insultos que vinham pêlos fios. Naquêle periodo da sua vida, Gloria tinha grande fé em si propria. Tinha conquistado o seu mundo e não queria saber, naquêle instante, de nenhum outro.

Concluindo "O Grande Momento", passámos momentos estremamente agradaveis, juntas. Ela comprehendia com prodigiosa facilidade todas as minhas idéas e, assim, compoz um tipo perfeito para a heroina que eu imaginára. Quando terminou o trabalho de filmagem, todo e eu embarquei para a Europa, notei, novamente, uma grande mudança que se operava nela. Tornara-se "poseur", erguia os hombros, elevava o busto e caminhava com estudo de movimentos. O seu penteado dava-lhe tamanho suficiente e normal e seus vestidos, vindos diretamente de New York, aumentavam a sua pose. A sua atração era profundamente esquisita, então.

Mesmo naquela distante época, Gloria já tinha o seu admiravel poder de absorver com estrema facilidade a qualquer atmosfera em que estivesse. Tinha, como tem, um estranho poder de percepção.

Até fazermos o nosso segundo trabalho, juntas, não mais a vi. Foi êle "Esposa Martir", que tinha Rudolph Valentino como galã. Encontrei-a dedicando-se á uma arte que já ha muito a fascinava e a qual ela praticava sem dar noticias dela a ninguem. Era a escultura! Mostrou-me varios dos seus trabalhos, casualmente, a proposito de escultura da qual falavamos e eu os reputei e reputo esplendidos. Tinham um talento não oculto. A cabeça de sua filhinha, que ela reproduzira, era um trabalho, que tinha alma e inspiração. Era uma nova faceta das multiplas que formam o seu todo. Era o seu lado poetico, sonhador, amoroso aó estremó. Ela mesma não conhecia a sua imaginação prolifera que não a deixava um só instfnte sem gerar uma nova idéa. Tudo quanto ela fazia vinha envolto na sua natural esquizitice. Lia poesias. Não as sentia. No entanto, em dado momento, dizia-as com uma alma, com um ardor que revelavam, mesmo longe da sua vontade, alguma cousa de cigana que sua alma tinha e não podia sufocar.

Seus olhos apaixonantes e apaixonados sempre tinham mensagens dentro dêles! Tanto mostravam magúa quanto paixão. Eram, entretanto, sempre interessantes. Jamais foram banais! Ao lado de Gloria, garanto, ninguem se aborrecia e ninguem se aborrece.

Um dia, quando "Esposa Martir" estava em confecção, e, em locação, filmavamos as cênas dos Alpes, despencou um objéto de uma plataforma que estava sobre nossas cabeças e sustentava as "cameras" e os aparelhos varios de filmagem. Estavamos "lunchando" e poderiamos ter morrido se aquilo nos tivesse atingido. Gloria nem se voltou e nem se impressionou. A sua coragem sempre foi um dos seus maiores predicados e a sua calma uma das cousas mais desnorteantes do seu carater.

Tivemos um jantar de despedida, quando o film terminou e eu, novamente, ia para a Europa, de volta.

(*Termina no fim do numero*)

CHICO
MITZI GREEN
imita os irmãcs
MARX...
ZEPPO
GROUCHO
HARPO

A TELA EM

Norma Shearer tem o melhor trabalho de sua carreira em "A divorciada" e Chester Morris tambem está esplendido.

GAROTA REBELDE (Bad Sister) — Film da Universal — Produção 1931.

Ha diretores que têm preferencia por certos assuntos e, pelas suas carreiras afóra, repetem-nos algumas vezes e sempre os fazem com entusiasmo, carinho, atenção. Cecil B. De Mille e o seu classico *The Squaw Man*, que acaba de filmar pela quarta vez; Frank Tuttle e o seu *Miss Bluebeard* que refilmou falado, agora; Hobart Henley tambem tem o seu *Flirt*...

E' um assuntozinho de Booth Tarkington pelo qual o diretor de bons films como *O Bruto Colossal*, *A Escrava do Luxo* e, ainda mais recentemente, *Esposa Emancipada*, outro sucesso, pelo qual êle tem a sua predileção disfarçavel. E' a terceira vez que o têma domestico de Tarkington é filmado. A primeira vez o foi em 1916, pela Bluebird, uma secção de ouro que a Universal mantinha e, mais tarde, em 1922, novamente pela mesma fabrica e tendo Hobart Henley na direção.

Gostámos imenso da segunda versão. Eileen Percy era a *garota*. Edward Hearn tinha o papel de Conrad Nagel, Lloyd Whitelock o de Humphrey Bogart, George Nichols o de Charles Winninger, Helen J. Eddy o de Bette Davis e Buddy Messinger o de David Durand. Bert Roach figurava no elenco e tinha o papel de Slim Summerville, nesta. O dêle, fazia-o Tom Kennedy. Era uma versão silenciosa e não tinha o som do soluço e nem a voz a perturbar toda a deliciosa fotografia viva daquêle lar pela janela do qual entrava a *camera* guiada pela mão intelligente de Hobart e ia apanhando os mais simples e eloquentes detalhes. George Nichols tinha uma caracterização estupenda e Eileen Percy, loura e bonita, naquêle tempo, era mais convincente do que Sidney Fox. Isto foi em 1922.

Em 1931 temos *Garota Rebelde*. E' um esplendido film, sem duvida e isso nem discussão merece. Hohart Henley conservou, para êle, o mesmo numero de ambientes intimos de um lar e deu-lhes a mesma naturalissima vida que tem um lar qualquer. Cremos, mesmo, que o unico fator contra esta versão seja o fato de ser ela falada. A voz prejudica os assuntos de sentimento. Apenas as farças deviam ser faladas. Os dramas, para a tragedia ou para o sentimental, deviam ser todos silenciosos. De resto, *Garota Rebelde* é um espetaculo que se gosa com enlevo e que tem várias fázes de grande observação e momentos verdadeiramente artisticos. A cena do hospital, depois da morte de Helene Chadwick, com aquêle contraste doloroso de alegria, no quarto vizinho, é chocante. O cenario escrito por Raymond L. Schrock, Tom Reed e Edwin Knopf, aliás, é quasi perfeito e revela toda a pujança da verdadeira linguagem de Cinema em contraposição ao antigo sistema de fazer films falados. A sequencia entre Bette Davis e David Durand, diante daquela lareira, quando queima ela o seu diario, é uma maravilha de direção e composição. Conrad Nagel e ainda Bette Davis tambem têm um momento bem feliz diante daquela criancinha, quando êle lhe dá o primeiro beijo. O film todo é assim: delicado, sentimental, humano sem ser sordido, sincero sem ser imoral.

Não ha melhor interpretação para êste film. O que mais se salienta, no elenco, é David Durand, o garoto. Depois dêle, Sidney Fox, Bette Davis, Conrad Nagel, ZaSu Pitts, Charles Winninger e Bert Roach, equivalem-se. Sidney é uma pequena interessante e não representa mal. Alguns angulos fotograficos seus são desfavoraveis e a *camera* de Karl Freund, aliás dono de toda aquela fotografia soberba, foi implacavel...

Hobart Henley domina o film todo. Completamente seguro do que faz, move seus artistas como poucos sabem mover, tal a naturalidade dos mesmos. E' um dos melhores diretores com os quais podem contar os Estados Unidos.

Cotação: — *Bom*.

SOB AS ONDAS (Seas Beneath) — Film da Fox — Produção de 1931.

Ha tempos que John Ford não nos dava um film tão bem dirigido e tão interessante. Êle andou de fracasso em fracasso, fez *Justiça do Amor*, *Em Continencia* e mesmo com *Homens sem Mulheres* não se revelou o John Ford que, quando ainda era Jack, dirigia estupendamente bem a Harry Carey e seus films de sertão.

Sob as Ondas, reconheçamos, é um trabalho de direção soberbo. Tem um *punch* que só quem assiste pode sentir e eleva o seu *climax* ao ponto de enervar a platéa toda que deseja, num só impeto, que seja o submarino liquidado e tome George O'Brien a resolução definitiva. Além disso, desde o inicio êle vem trazendo esplendidamente o cenario de Dudley Nichols e dando, ás sequencias todas do mesmo, a vida mais curiosa e dramatica que era possivel conseguir. Do momento em que George O'Brien atraca naquêle porto hespanhol para diante, o film vai num crecendo constante. Mona Maris e a sedução que ela deita a Gaylord Pendleton, particularmente a cena em que lhe dá a beber o narcotico *lagrimas de amor*... O encontro casual de Marion Lessing e George O'Brien, quando êle está querendo fotografar uma náu encalhada e é proibido pelo policial. Tudo está espontaneo, curioso, diferente, mesmo, sob certo aspéto. A fotografia, então, auxilia imensamente o film: é admiravel! E outro fator importante para termos achado o film superior, é terem os alemães falado alemão, os hespanhóes hespanhol e os inglesês e americanos, inglês. Tudo nos seus eixos... Aliás John Ford é dado aos alemães e gosta muito de os apresentar em seus films. Neste, então, fotografá-os o mais simpaticamente possivel e até condoídos da sorte de um americano, em certo trecho. Mas nada é forçado e ha, convencional, apenas a cena daquêle canto de marujos antes do corpo de Gaylord ser atirado ao mar.

O elenco é enorme. Salientam-se, sem duvida, George O'Brien que está melhor do que jamais esteve, Larry Kent, em certos trechos, Henry Victor e John Loder, ambos falando alemão e encaixados muito bem em papeis de oficiais do U-172. Tanto Mona Maris quanto Marion Lessing aparecem pouco e desempenham-se bem dos seus respectivos encargos.

A novela de James Parker Jr. forneceu esplendido material para as sequencias todas que assistimos esplendidamente coordenadas. Algumas, mesmo, são admiraveis. E' um film que os adultos apreciarão e os garotos aplaudirão freneticamente. Ha emoção de sobra, para isso.

Joseph August fotografou esplendidamente e John Ford merece os maiores elogios pelo seu trabalho.

Francis Ford, Walter Mc Grail e Warren Hymes figuram em papeis menores.

Cotação: — *Bom*.

A DIVORCIADA (The Divorce) — Film da M. G. M. — Produção de 1930.

Não é dos ultra-modernos films da M. G. M. Isto é, daquêles já dêste ano. Retardou-se um pouco.

E' um trabalho que reúne em si três grandes valôres: a direção muito inteligente de Robert Z. Leonard; a interpretação magistral de Norma Shearer; o argumento curiosissimo de Ursula Parrott sábiamente cenarisado por Nick Grinde e Zelda Sears (que, aliás, toma parte no elenco, desempenhando o papel de Hannah, aquela criada que acompanha Norma Shearer por todos os pontos do film).

Com tais fatores, portanto, *A Divorciada* não podia deixar de ser, mesmo, o grande film que é. Tudo, nêle, agrada e deslumbra. Do primeiro *clareando* ao derradeiro *escurecendo*, corre a ação suavemente, deliciosamente, como si diante estivessemos de uma nesguinha de vida transplantada para a téla. Não ha momentos monotonos, instantes descontrolados onde não mais si entendem cenario e direção. Tudo é espontaneo, sincero humano.

Nunca vimos, confessamos, uma Norma Shearer tão natural, tão linda, tão artista. E o melhor trabalho da sua carreira, inegavelmente e não houve proteção alguma ao conceder a Academia de Arte e Ciencia do Cinema o premio á Madame Irving Thalberg. Ela está simplesmente formidavel, nêste film, um assunto que lhe foi uma luva que ela soube calçar com elegancia rarissima.

Ao seu lado, ainda, move-se um elenco uniforme, fotogenico, quasi todo (escluem-se aqui Helen Millard e seus berros. Helen Johnson felizmente aparéce a maior parte do tempo com o rosto vedado...) e uma uniformidade de produção que vale o melhor elogio.

Muitos taxarão o assunto ousado em demasia. Outros, convencional. Estarão errados. E' uma das mais brilhantes paginas da vida moderna que temos contemplado e alguma cousa que a direção de Robert Z. Leonard, repetimos, tratou com um esmero e uma felicidade raros. Valem-lhe os melhores parabens.

Chester Morris é o galã. Sáe-se bem e mostra-se feliz, mesmo, em certas cenas. Robert Montgomery, menos cacete do que em outras ocasiões, está bem no seu papel de vilão de hoje. Mary Doran aparece linda numa sequencia de valor. Florence Eldridge, esposa de Frederic March tambem figura como amiga de Norma e esposa de Robert Elliott que, nem sabemos graças a que não é detetive, desta feita... Tyler Brooke tenta fazer rir. George Irving é o eterno pai. Iamo-nos esquecendo de Conrad Nagel, que, por sinal, apresenta-se na fórman esplendida do costume num papel para o seu temperamento. Com êle, num trem, vive Norma Shearer uma das mais bonitas fáses do film.

Seria inutil citar, aqui, êste ou aquêle detalhe, tal ou qual sequencia. Não vale a pena tirar o sabôr que o film todo reune nos seus variados trexos. Basta dizer-lhes que na nossa opinião é um dos melhores films exibidos aqui êste ano.

Cotação: — *Muito bom*.

ENFERMEIRAS DE GUERRA (War Nurse) — Film da M. G. M. — Produção de 1930.

A critica americana foi mais ou menos desfavoravel a êste film. Reputou-o sordido e achou que a direção de Edgar Selwyn era

imoral, ou antes, conduzia todos os fios do tema para o escopo único de pôr ao vivo podridão e nada mais. Criticas de jornais e revistas que não estão *unfair* para o Film *Board*...

A critica americana foi, porém, talvez, um pouco exagerada no seu comentario. *Enfermeiras de Guerra*, na verdade, não é um esplen-

REVISTA

dido film. E' apenas bom. A sordidez do assunto de fato existe e não podia deixar de existir, na verdade, já que se trata de um film que se passa dentro de enfermarias colocadas bem atrás das linhas de frente. A direção de Edgar Selwyn não é imoral: é teatral! E' o primeiro film que êle dirigiu, falado, para a M.G.M. e, assim, guardava consigo grande parte dos seus vicios naturais de ribalta. Entre êles: mostrar caras em contorsões medonhas, gravar gritos de dôr agúdissimos, exagerar em casos de loucura e tirar partido de carêtas, quanto mais exageradas, melhores. Mas isto é natural ao diretor teatral. Dentro do curto ambiente de um palco, êle na verdade nada mais pode fazer do que arrancar exageros dos seus artistas. Vindo para a vastidão imensa do Cinema, logicamente estranhou o campo enorme que lhe deram para agir. Mas o seu pulso é firme, nota-se e principalmente nas cenas de emoção, as quais êle arranca com extrema facilidade dos artistas todos do elenco.

Tirado, o cenario de Becky Gardiner, de uma novela anonima do mesmo nome, mostra as torturas de um grupo de moças que deixam os seus variados afazeres para servirem na grande guerra. Os seus trabalhos, as suas canceiras sem fim, a sordidez daquelas vidas assim atiradas entre carnes rotas e gemidos, entre podridão e loucura. Uma delas, a mais fraca, trôpega e dos braços insinceros de um soldado cai para a lama da sargêta. A outra resiste e é feliz. Outras morrem. Ainda outras sacrificam-se, apanham molestias de contagio terrivel.

E' isto. Tratado pelo alemão ou pelo russo, seria um film insuportavel, porque a *camera* iria apanhar uma operação todinha e mostraria as chagas ao vivo. Fotografádo pelo americano, entretanto, é um film aceitavel e tirados os defeitos teatrais do seu diretor, nada mais ha para censurar. (E olhem que sômos contra os americanos! ...) Film de guerra, embora, tem certos aspétos curiosos e é bastante sincero nos seus vários lances que chegam a comover, alguns. Esplorando um campo ainda inédito, o papel das mulheres enfermeiras na guerra, tem fases inéditas. Não é formidavel e nem exepcional. E' bom, apenas e merece ser visto.

Anita Page é estupenda e o film todo lhe pertence. Pena que Robert Ames, o homem que a beija e causa a sua desgraça toda seja tão sem graça, tão anti-fotogenico... Robert Montgomery e June Walker são o outro casal. Ela lembra Barbara Kent, em certos angulos e não é má artista. Robert está melhorando, de film para film e nêste chega a ser interessante. Marie Prevost e ZaSu Pitts, ás turras, fornecem comédia. Helen Jerome Eddy tem um papel simpatico e bonito, no final. Hedda Hopper, Martha Sleeper, Eddie Nugent, Michael Vavitch e Jean Miljean, figuram.

Não é film para casal de namorados e nem par de noivinhos. Mas os outros (deixem as crianças ouvindo radio!) apreciarão.

Charles Rosher fotografou.

Cotação: — BOM.

DU BARRY, A SEDUTORA — (Du Barry, Woman of Passion) — Film da United Artists — Produção de 1930.

Muitas Du Barry temos visto nas telas dos Cinemas. Theda Bara já o foi; Pola Negri, tambem; agora, Norma Talmadge.

A melhor foi Pola Negri. A peor, Theda Bara. Norma Talmadge está entre ambas..

Êste film é majestoso, imponente, bem apresentado, luxuosamente cuidado e representado e dirigido com acerto, o mais movimentado possivel dentro da tecnica falada. Mas não é um film que se possa dizer bom e nem um dêsses que, ao saírmos do Cinema, dão-nos a impressão aliviada de ter visto, finalmente, alguma cousa realmente grandiosa.

E' agradavel, divertido, em certos trechos, bem feito e aceitavel, principalmente nesta epoca em que a produção é menos do que mediocre.

George O'Brien sob os mares.

Sua veracidade historica é bastante duvidosa, entretanto, em materia de Cinema, êste é um defeito que se torna até qualidade. Para que fazer viver a Du Barry autentica? Não é muito melhor inventar outra, de Cinema? Assim, não têm razão aquêles que se zangam com a falta de critério historico: Cinema não é catedra de Academia, é diversão.

William Farnum, resurgindo sempre bom e sempre admiravel, é o mesmo esplendido artista dos outros tempos. Cada vez fica melhor. E, além disso, relembra-nos tanta cousa bonita que já fez... Norma Talmadge disputa valorosamente o primeiro logar ao lado dêle. Se se apresenta belissima, incontestavelmente se bem que favorecidissima pela fotografia deslumbrante de Oliver Marsh, representa de uma forma um tanto ou quanto antiquada e nessa mesma forma, igualmente, recita as suas linhas nos dialogos.

Conrad Nagel, eternamente a mesma cousa. Como esposo fiel, infiel, sargento ou capitão, *racketee* ou chefe de policia, é o mesmo Conrad Nagel. Os mesmos franzir de testa, os mesmos olhares, a mesma *voz perfeita*, a mesma cabeleira postiça. Não muda. E' o tipo do artista conservador... Disse-nos alguem de espirito que êle dá sempre a impressão que está fazendo discurso em sessões especiais da Academia Cinematografica de Artes e Ciencias de Hollywood...

Hobart Bosworth,, Ulrich Haupt, E. Alyn Warren, Edgar Norton e Henry Kolker, completam o elenco.

Ha cenas lindas e cenas bôas. Algumas, como as daquêle lago, depois que Norma o deixa, monotonas pela extensão dos dialogos e lentidão de ritmo.

Sam Taylor é um diretor suficientemente comum para não fazer grandes films. O seu trabalho, com este material de David Belasco, adaptado por êle proprio, é bom, apenas, quando poderia ter sido otimo.

Podem ver, sem susto, que apreciarão. Para o grande publico, é um grande film. Para os exigentes e *fans*, um trabalho regular talvez.

Cotação: — BOM.

ESPOSA POR SPORT — Part Time Wife) — Film da Fox — Produção de 1930.

Um dos mais fracos films de Edmund Lowe que temos visto e, no qual, por descuido do diretor ou cousa que o valha, até sem elegancia e distinção êle aparece.

E' uma historia monotona e arrastada que não tem o menor ponto de real valôr. Ha apenas alguns momentos de certo espirito, ao lado de dialogos imorais com certa idade e cenas aborrecidas, de tão compridas e mal representadas.

A única cena razoavel, é aquela em que Leila vai a casa de Edmund Lowe, depois de separados e êle tudo faz para que ela permaneça ao seu lado. Tommy Clifford, não agrada. Nem êle, nem o seu cachorro.

Leo Mc Carey dirigiu. Foi mais feliz com *Naufragio Amoroso*, aquela malucada que fez para a Paramount e ainda mais quando trabalhava com Hal Roach e a *Our Gang*...

Argumento de Stewart Edward White, com cenario de Raymond L. Schrock e Leo Mc Carey.

Leila Hyams é a heroina. Ha trechos em que está linda. Walter Mc Grail, o vilão. Edmund Lowe representa visivelmente sem interesse e regularmente contrariado.

Cotação: — FRACO.

O CAMINHO DE SANTA FE' — (The Santa Fé Trail) — Film Paramount — Produção 1930.

Êste novo trabalho de Richard Arlen, um Buck Jones 1931, simpatico, viril e agradavel, é outro que se enquadra perfeitamente dentro do sistema da Paramount fazer "westerns". Tem momentos de emoção, elemento amoroso bem sustentado e, apesar de ser um film falado, é agil e esperto como um salto do seu herói e uma carêta de Mitzi Green. Esta pequena, aliás, auxilia imenso a sua valorisação. Mitzi é dessas cousas que nem é bom falar! Formidavel!

Rosita Moreno é uma heroinasinha bonitinha, engraçadinha, falando um inglês quasi peor do que o hespanhol de Eugene Pallette... Êste é que se apresenta esplendido e quasi rouba o film.

Junior Durkin, que ainda vamos ver muitas vezes, especialmente como protagonista de *Huckleberry Finn*, está bem e é um garoto interessante. Hooper Atchley é o vilão.

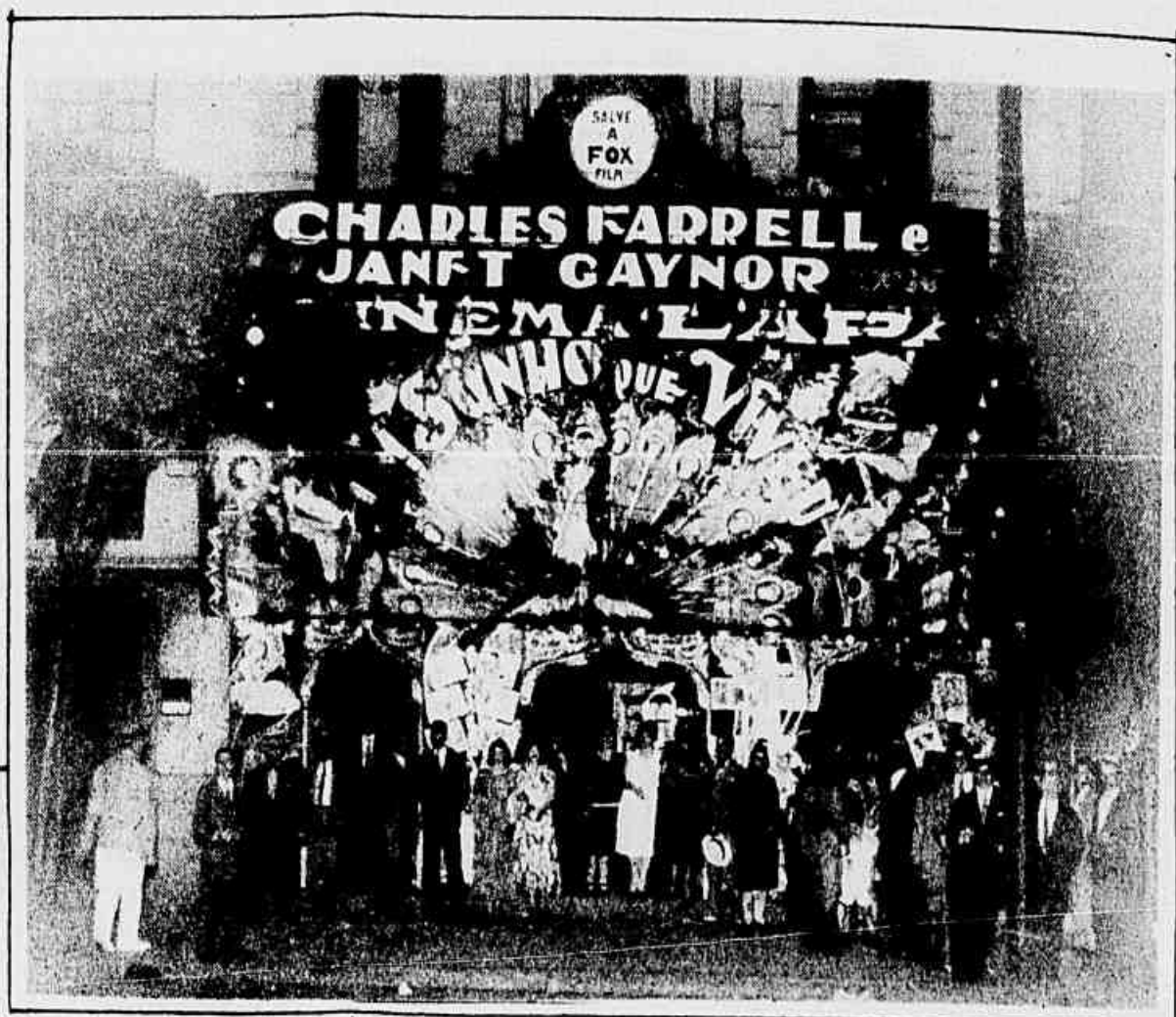
A direção de Otto Brower e Edwin J. Knopf agrada. O cenario de Sam Mintz foi tirado da novela *Spanish Acres* de Hal G. Evarts. David Abel operou.

Cotação: — BOM.

PAIXÃO QUE MATA — Nero Film — Prog. Novelty

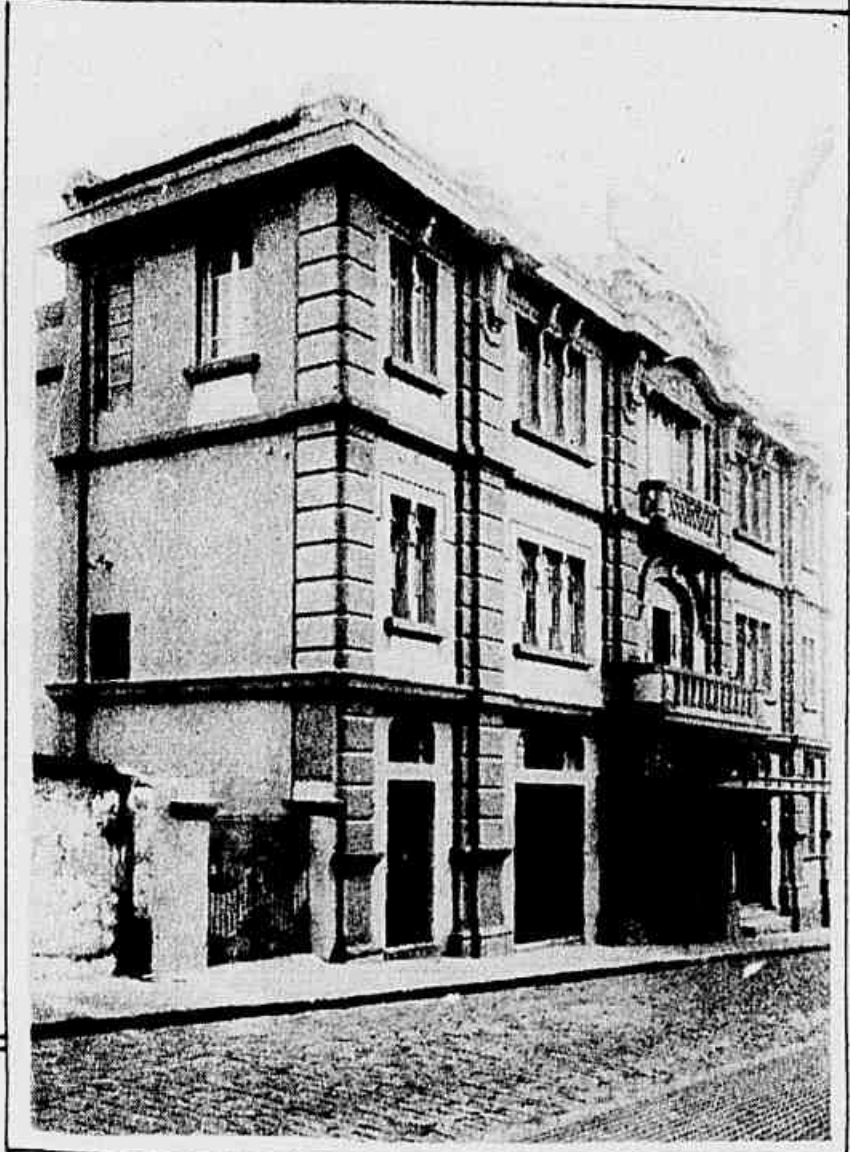
Mais um film alemão sob a direção de Mario Bonnard. A' ação do film se passa dentro de uma caixa de teatro. Marcella Albani, Heinrich George, Sigfried Arno, Evi Eva, Jean Bradin e outros, tomam parte.

Cotação: — FRACO.

O Cinema Lapa do Rio tambem já se equipou. E esta fotografia foi no dia da inauguração

"O Snr. Melniker tinha que vêr Porto Alegre". O representante da Metro Goldwyn chegou de aeroplano e foi recebido pelo Castello, Dr. Fernando Azevedo Moura, Mancel M. Martins, Victor Ciachi, Annibal, caras muito nossas conhecidas e alguns representantes da imprensa

Cinemas e Cinematografistas

Fachada do Cinema Rio Branco, no dia da inauguração do aparelho para os "falados"

Fachada do Cinema Politeama da Empresa Gagliardi de Jaboticabal, S. Paulo

Enrique Baez e Emilio Lacoste da United Artists e Serrador e A. Leite Ribeiro da Cia. Brasil Cinematografica durante a assinatura do contrato, para a exibição de "Luzes da cidade"

Publicaremos novos retratos de Mister Blunt, consul do Cinema americano, em viagem para Niteroi.

Comissão organizadora do festival do "Cinearte" no Cine Republica de Campinas ao lado do Snr. Coelho, o exibidor. Ao lado, a platéa do Cinema, no dia da festa

Porque Greta Garbo não fala...

Ser calada, para Greta Garbo, é passa-tempo. No seu jogo de mudez ela se sentiu esplendidamente bem. Dizem, alguns outros, que nisto tambem têm tomado parte os produtores. Mas é o que Greta Garbo quer. Ela, quando ouve alguma cousa a seu respeito, entreabre as suas palpebras adoraveis e, depois, sorri brandamente... Seus labios, entretanto, permanecem mudos.

O seu silencio, a mudez absoluta em torno da sua verdadeira vida particular, a ausencia absoluta da verdade, nos escandalos que se contam a seu respeito. Tudo isto, para os **fans**, é uma verdadeira loucura que ainda mais aumenta o desejo de todos em torno da sua personalidade e, consequentemente, em torno dos seus films.

A misteriosa suéca é a verdadeira deliciosa senhora intriga da qual tanto falam. Não é tão calada quanto querem que ela seja e gosta de se divertir, na verdade, tanto quanto qualquer outro sêr vivente. Quando ela cessar de ser muda para o público, é sinal que cumpriu o seu destino, ou, melhor falando, cumpriu a sua missão: fez fortuna e garantiu integral e absolutamente o seu futuro.

Não é possivel negar o talento de Greta Garbo espôsto nos seus films. Os que a conhecem na intimidade, além disso, afirmam que ela é muito inteligente. Ela é a afirmação viva do ditado popular: **falar é prata... calar é ouro...**

A sua politica de ação, então, é das mais formidaveis que conhecemos. Não vai em quédas de titulos, nos seus jogos de bolsa. No Cinema, é a mesma cousa: só joga em titulos altos e garantidos. Quando ela falar e deixar Hollywood, esporá tudo quanto sente e dirá o que pensa dos que a amofinavam com suas idéas erradas. Mas aí terá terminado a sua carreira de Cinema e estará milionaria. E' apenas isto que ela espera para falar...

Greta Garbo está vivendo, ha anos, o papel de muda e levando a vida de heremita mais completa que já foi dado observar. Ha, nisto, duas razões preponderantes: detesta a multidão e prefere os logares quiétos e discretos. Além disso, percebe, hoje, um dos maiores salarios que já perceberam quaesquer artista de Cinema ou teatro.

A sua atitude discreta e aparentemente orgulhosa, têm-na posto em uma posição de evidencia incomparavel, no firmamento Cinematografico. Ela sabe disso. Tem mantido o seu público, tem aumentado os seus fans, entretanto, exatamente com êsse recurso...

Sabiamente aconselhada, sabiamente guiada por um agente comercial que é o verdadeiro agente do seu sucesso e da sua fortuna, Greta Garbo é uma das criaturas mais felizes de Hollywood, ainda que digam o contrario artigos e mais artigos, fantasias, todos êles porque ela não fala a nenhum jornalista e nem siquer os recebe.

Greta Garbo nem afirma e nem néga. Ela espera as consequencias, apenas. Quando chega ao seu conhecimento alguma cousa que não aprecia, sorri. E' sinal que vai agir e toma as suas proprias deliberações...

A moderna esfinge...

Dizem, presentemente, que ela vai voltar para o seu lar. Que parece aborrecida. Póde ser que seja verdade. Póde ser que seja mentira. Quem sabe?...

Presentemente entretanto, garanto-lhes que não é na Suécia que ela está pensando. Presentemente ela está apenas interressada na quantidade de **dollars** que está amontoando na California e no seu joguinho de "pouca fala" que é tão interessante...

Deve ser delicioso, para ela, ver-se no topo da carreira, milhares de joelhos curvos diante de si. Mas como consegue ela manter toda esta gente genuflexa se ela não fala e nada diz?...

Corre a história de que Lady Mountbatten visitou Hollywood e mostrou desejos enormes de conhecer Greta Garbo. Fez-se um convite especial para uma festa que se daria em homenagem á nobre criatura que de visita estava. Mary Pickford, ela mesma, escreveu um delicado e atencioso bilhete á **estrela** suéca convidando-a e dando as razões do mesmo convite. Mas tudo foi em vão, ainda com a interferencia de Douglas Fairbanks...

Outra que corre, é esta: Norma Talmadge é sua vizinha ha vários mezes e, no entanto, nem se visitam e nem siquer se cumprimentam...

Outra: um cavalheiro milionario, de Chicago, gastou milhares de **dollars** em telefonadas, procurando falar com ela e... nada!

Nem siquer um retrato autografado dela conseguem os **fans**...

* * *

Greta Garbo ama as campinas, os logares da natureza. Sua casa fica no alto de um morro e é lá que ela passa a mais feliz parte dos seus dias. Apesar disto tudo, entretanto, o mistério precisa ser mantido. Seu cabelo, descuidado, quasi, enfia-o ela debaixo de uma boina vulgar. Seus sapatos são baratos. Usa roupas masculinizadas. Suas meias são de algodão ou lã. Uma bengala ás vezes trás consigo...

Apesar da sua **camouflage,** entretanto, descobrem-na os **fans,** pelas ruas e torna-se, em segundos, alvo de todas as vistas que por ali se achem...

Greta Garbo, entretanto, não é nada disso que diz a sua reclame... Os seus vizinhos a vêm sempre ir para as praias, pois ama-as intensamente e sabem o quão distinta e morigerada de habitos ela é. Tolerante, caridosa, cheia de coração e delicadeza.

O telefone de sua casa é o mais procurado. Ela muda de numero de mez em mez e, apesar disso continúa recebendo chamados, de New York, de Los Angeles, da propria Hollywood, de Chicago e até de Paris e Londres..

A verdade, entretanto pelo que temos conseguido descobrir desta ou daquela informação exata, é que ela é humorista, curiosa, interessante e muito divertida. Nada do sonambulismo exagerado com que a querem dotar. Ela é humana e curiosa como qualquer mulher formidavel á qual classe ela sem duvida pertence. A sua casa fica no n.º 1.707 da San Vicente, Santa Monica, Hollywood, California. Aqui está o seu endereço particular. Agora... escrevam-lhe! Eu lhes garanto que me vou pôr no seguro para evitar a sua vingança...

Dizem, ainda, que ela gosta muito de ler Tolstoy, Gandhi, Lincoln e vários outros. Nós que a temos em grande admiração, não acreditamos. Deve ser intriga da oposição...

Mulher n. 2...

(F I M)

Não gosto de sonhar, porque isto é fantasia, e a realidade, apesar de dura, muitas vezes é bem melhor. Sonhos embriagam-nos e... podemos chegar a acreditar nêles, o que é peor...

Não aprecio o luar porque é tão triste... Prefiro o sol. Adoro-o! E por isto o que mais me desagrada é um dia de chuva. Êles são quasi sempre portadores de "spleen" e não ha nada mais insuportavel do que isto.

Acho uma flor, uma cousa linda. Mas as flores entristecem-me. Hoje tão lindas e viçosas, amanhã murchas, fenecidas, mortas... Até parecem ilusões que se desfazem...

Não gosto tambem de pensamentos profundos. Pensar, só o necessario. Pensamentos em demasia, são... perigosos!"

Taciana dizendo isto, até parece que tem guardada consigo mesma, alguma desilusão... Ouçamo-la, porém:

— "As unicas lagrimas que conheci até hoje, foram as motivadas pela morte de minha mãe. E esta foi tambem a maior tristeza que senti em minha vida".

Disse-nos Taciana, com uma sombra triste nos olhos. E continuando:

— "Vida? Querem que fale sobre ela? A vida... é isto mesmo. Sal que a gente prova, pensando que fosse assucar..."

Neste momento um sorriso lhe veio aos labios. Sorriso no qual adivinhamos uma jovialidade suave e ma- maguada. A gente chega a imaginar que Taciana tem o seu ressentimento contra a vida. Imaginar, sómente... Talvez ela seja até, uma creatura bem vivaz e despreocupada. Bem Clara Bow. Mas Clara Bow tambem tem algo de Janet Gaynor... E Taciana, de Janet tem até o tipo. Ouçam sua resposta seguinte:

— "Felicidade... se ela existisse mesmo! Não quero dizer com isto que sou infeliz, não. E' que feliz, propriamente, acho que ninguem pode considerar-se. Nunca se tem tudo que se deseja para constituir o que se chama felicidade"...

Sobre o amor, Taciana nada quis dizer. Que o assunto é complexo demais, e guarda sua opinião para dá-la mais tarde, quando o amor chegar! O sorriso que lhe iluminou aí o rostinho, foi tão brejeiro e sincero que nada sofismamos sobre esta sua opinião.

Casamento ela acha um dos atos mais nobres, bonitos e apreciaveis da vida de qualquer pessoa. Pensa muito bem dos homens. O melhor possivel, mesmo... Acredita na amisade muito vagamente. Acha que os homens são amisades mais sinceras e leais do que as mulheres...

Delicadeza é a qualidade que mais aprecia tanto no homem quanto na mulher. Taciana acha que eleva muito o carater de qualquer pessoa.

Alguem para agradar a Taciana deve fazê-lo primeiramente pelo espirito. Ela considera a beleza moral superior á beleza fisica. Assim como no Cinema, acha o talento e a personalidade superiores á beleza.

Gosta loucamente de musica. Acha que musica e Cinema têm o segredo de falar ás almas das pessoas, e de que maneira! Aprecia a musica vienense, mas a que mais lhe fala á alma é a "Serenata", de Schubert. E vocês não acham, leitores, que ela é um pouco desta "Serenata"?

Adora a dansa. E' aluna da Escola de Bailados de Baruna Corder, de dansas classicas, sua grande paixão.

Aprecia os bailes e, para dansar, gosta do tango, do "fox", e até do maxixe carioca!

Não gosta de "flirt". Acha-o um divertimento demasiado futil... Aprecia esportes e passeios, mas sem entusiasmo. Não gosta de fazer footing. O passeio que mais a fascina, e que ela mesmo mais pratica, é ir ao Cinema.

— "Acho o Cinema o mais completo dos passeios. Por seu intermedio vamos aos mais belos logares, e chegamos mesmo a invadir cerebros e almas humanas! E' o passeio adoravel e ideal para o nosso espirito" disse-nos Taciana entusiasmada. (E depois diz ainda que não gosta de sonhar)... E' uma verdadeira fanatica por Cinema. Um bom film arrasta-a seja a que Cinema fôr. Por um bom film ela faz sacrificios, pois tem loucura por êles. (Pelas paredes de sua casa, existem diversos retratos de astros de Hollywood. Taciana coleciona-os e escreve a êles todos, como a mais simples "fan"!

— "E' porque sou "fan", que admiro o CINEARTE, e não deixo de o ler uma só semana. Leio-o da primeira á última pagina, porque sinto gosto e prazer nisto, e CINEARTE é na verdade uma revista que interessa e prende. E' por suas paginas que tenho acompanhado todo o movimento do Cinema Brasileiro".

Taciana Rei, que é carioca, nascida a 29 de Abril, adora as viagens. Um de seus maiores desejos, e dos que mais a fascinam, é conhecer minuciosamente todo o Brasil. A unica viagem que fez, foi á Italia, a terra de seus pais, ha muitos anos.

Perguntamos-lhes qual era sua mania principal. Respondeu-nos que não a tinha... Depois como lhe perguntassemos tambem, qual o elemento da "toilette", que merecia mais cuidados seus, ela lembrou-se da mania obcecante que tem pelos sapatos. Uma mania sem igual! Chega a ter maior sortimento de sapatos do que de vestidos. E é mesmo a creadora de muitos dos modêlos que usa! Disse-nos ela:

— "Se não é uma mania original, é pelo menos uma mania de sapatos originais!"

Disse-nos ainda que é das pessoas mais supersticiosas que existem. Mulheres vesgas e corcundas, nº 13, gatos pretos, padres, armarios abertos, espelhos quebrados, passar por baixo de escadas, tesouras que caem, etc., são cousas por que ela tem estranha aversão. Acha que qualquer destas cousas lhe trás um "peso" e tanto!

Taciana gosta de perfumes, logo que sejam finos e deliciosos. Das joias idem, as verdadeiras naturalmente! Aprecia seguir a moda, mas com discrição. Para a noite prefere os vestidos compridos, mas para a rua dá sua preferencia aos vestidos leves e curtos. Acrescentamos que Taciana se veste com fino gosto e sua elegancia é das mais encantadoras. As côres que costuma usar em suas "toilettes" são as claras e suaves.

Falando sobre os preconceitos, Taciana assim se expressou:

— "Considero-os o maior atraso para um povo tão culto e intelligente como é o brasileiro. Parece incri mas é verdade; apesar do Rio ser uma das mais cultas cidades do mundo ainda possue em sua sociedade elementos de provincianismo, como os preconceitos com que tentam separar as pessoas corretas, das artes. Eu não lhes ligo, mas sem dúvida alguma, confesso, são êles "alfinetadas" das mais impertinentes que uma pessoa pode levar".

Taciana animada, conta-nos agora a sua entrada para o Cinema do Brasil, do qual é agora um dos mais entusiastas e esforçados elementos:

— "Minha estréa no Cinema Brasileiro deu-se em "Barro Humano" onde aparecia na cena do baile, com um "close up" até. Senti um prazer indefinivel em verme na tela, nêste film, confesso! Em "Saudade", aparecia num pequeno papel, tocando banjo e cantando. Lembro-me bem que fiz esta cena no meio de diversas pessoas assistentes, eu que gosto de representar sem alguem perto! "Saudade" não continuou, porém. Mas meu retrato estava no arquivo de CINEARTE, e foi por intermedio dêle, que Mario Peixoto, escolhendo um tipo para incarnar a "mulher nº 2" em "Limite", veio até minha residencia convidar-me para o referido papel.

(Conclue no proximo número)

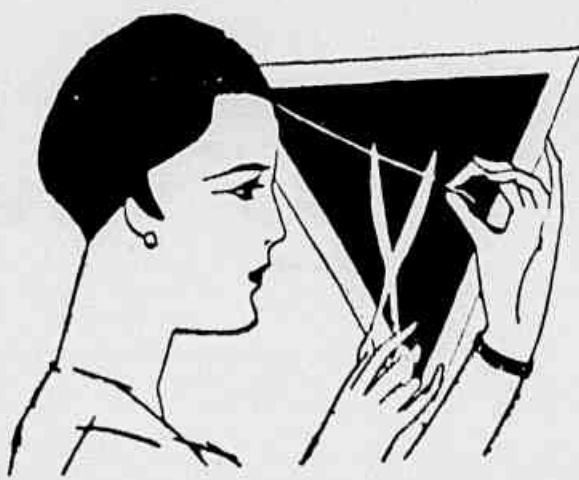
Conselhos para a beleza

(F I M)

cisa de uma base de pó, aplique um pouco de loção para a pele.

A pele seca não dá o trabalho que dá a oleosa. O metodo comum de tratamento de pele serve para ela e não ha nada de anormal a aconselhar. Se a pele fôr muito seca, todavia, misture ao creme comum um pouco de oleo antes de o aplicar. Passe um pouco pelos cantos do nariz e dos olhos. Com mais firmeza esfregue as maçãs do rosto e as bochechas.

Ha, ainda, rostos gordurosos que devem ser tratados pelas ginasticas, porque, sem dúvida, são criaturas gordas que, para serem elegantes, antes devem ter fisicos delgados e, assim, tendo-os, depois de exercicio costumario, terão, tambem, corrigido os defeitos da pele.

Escrevem-me as pequenas, normalmente, perguntando-me se conheço alguma cousa que remova as sardas. Conheço um ou dois cremes que, usados com fé, podem remover esses inconvenientes terriveis para a beleza, sim. Ou antes, consegue fazer com que as sardas nem sequer sejam notadas. Os cremes são, na verdade, os comuns. Os pós é que devem ser aplicados de modo a encobrir radicalmente as manchas. As bases dêsses cremes podem ser ligeiramente adstringentes, tambem e assim terão elas conseguido o que tanto almejam.

CINEMA DE AMADORES

(F I M)

nema de Amadores no Brasil. O amigo vai então fazer uma visita ás diversas associações, e começará pela U. A. C. de São Paulo? Ficaremos aguardando as notas, conforme nos prometeu.

FERNANDO FERREIRA (Belo Horizonte) — Agradecemos a sua admiração por Cinearte. Quanto ao material, se se trata de economia, o melhor será o film, a camara, o projetor, etc., Pathé 9, 5. Se, porém, o que o amigo deseja é a perfeição da camara, será preferivel o material para a "Bell e Howell Filmo", a "Eastman-Kodak Ciné-Kodak", ou "Victor Animotograph Co. Victor Camera".

A primeira tem a vantagem de ser vendida com três lentes de poderes diversos, já adaptadas na objetiva, e faceis de serem substituidas, uma pela outra. A segunda oferece ao amador um modêlo especial para apanhar films em côres naturais. E a terceira pode variar a velocidade do film permitindo portando a filmagem de truques baseados na dita velocidade. A Pathé é a mais economica; depois seguem pela ordem, a Ciné-Kodak, a Filmo, e a Victor.

Criança maliciosa...

(F I M)

ciam, apesar de me fazerem mais sedutora, tambem. Minhas companhias eram sempre homens e muitos homens, mesmo, porque eram êles que frequentavam minha casa e êles que minha mãi tinha em conta de bons amigos. Aliás, diga-se, muito distintos e cavalheiros, todos êles. A malicia que eu afetava no olhar, nos gestos e nos modos, era estudada e muito bem estudada. Era o meu escudo, a minha defesa. Como divorciada, já que você assim me achou, eu escaparia, por certo, ao ataque que como menina de dezeseis anos não escaparia...

Até hoje, na verdade, eu prefiro a companhia de homens experientes a homens tolos e criançolas. Bem por isso é que tenho meu coração preso a um dêles...

Foi quanto conversámos. Estava mais do que explicada a razão pela qual Jane Peters, aos deseseis anos, era mais maliciosa do que um film de Lubitsch... E diante de Carole Lombard, aos vinte e dois, sentia eu que Lubitsch ainda tinha que aprender, muito, para chegar a perfeição de um simples olhar dessa loira e louca criatura...

A GLORIA SWANSON QUE EU CONHEÇO

(F I M)

A saudação que ela me fez, a Champagne, foi uma que me comoveu intensamente e das mais expressivas e inteligentes que até hoje me dirigiram. Disse, entre várias cousas e vários elogios, que quando ela tivesse a minha idade, queria apenas um beneficio da natureza e de Deus: ser como eu era, inteligente, bonita, vistosa. Aquilo me comoveu pela naturalidade com que foi dito e pela sinceridade intima que aquilo esprimia.

Naquêle periodo faziam-se novas estrelas e, algumas delas, ameaçavam o reinado de Gloria Swanson. Personalidade igual á sua, entretanto, nenhuma outra tinha. Ela parece, sempre, a conjugação de muitas vidas: nunca ha nada descolorido ou falso nela toda. Sempre ha cousas novas para apreciar e descobrir no seu genio e no seu caráter.

Seus olhos profundamente azues têm misterio e têm romance. Poderia ter sido, com vantagem e grande sucesso uma imperatriz Romana. Teria ido além da sua posição, teria dominado o mundo! As facetas dela propria são inumeras. Ha uma cena, nêste seu ultimo film que assisti, **Que Viuva!**, quando ela atira o vestido que não quer ao chão, que me lembrou, vivamente, aquilo que ela sempre me dizia: que um vestido que não a agradasse ela o rasgaria. Aquilo é ela propria! Curiosa e exquisita como sempre o foi.

Depois de concluirmos **Esposa Martir**, não mais a vi, por longos anos. Ela esteve alguns tempos em New York e conseguia sucessos sobre sucessos. Depois ela foi á Europa e voltou amando e sendo amada pelo seu marquez francês. Aí, para mim, perdeu ela um pouco do seu encanto, da sua fascinação. Submergiu temporariamente o seu magnetismo. Dormiu, por alguns momentos, a exquisita e diferente imperatriz Romana... Ocupou o seu logar, durante esse tempo, uma esposa comum e mãe, acima de tudo...

Agora parece que ela voltou ao seu nicho de antigamente. Tornou a ter o encanto que tinha e voltou a ser a mais fascinante de todas as figuras do Cinema. Não a desejo ver num papel tolo como o que fez em **Que Viuva!** e quero vê-la, sim, em cousas mais dignas do seu temperamento de grande artista e admiravel mulher que é.

Depois disso veremos onde param esses outros grandes e famosos nomes de hoje em dia...

O adeus de Blanche Sweet

(F I M)

Sua voz, no disco, cantava um blue longo e entristecido e apesar da pouca eficiencia do aparelho, ouvia-se nitidamente a alma de Blanche cantanto aquêles versos...

Quando terminou, soluçava ela e não me olhava mais. Ergui-me. Beijei-lhe a mão, antes que mais me comovesse do que ela e disse-lhe, antes de sair, convicto de que estava dizendo algo que a confortasse:

— Blanche. **Adeus,** não! **Até logo...**

Saí. Na rua nada me chamou a atenção. Nem quis saber de divertimento algum. Corri a procurar no sono o "final feliz" para a amargura toda que trazia na alma contaminada pelo sofrimento daquela grande estrela em plena decadencia...

Hollywood...

✣ ✣ ✣

Eleanor Hunt, que, ao lado de Eddie Cantor, figura em **Whoopee**, assinou um contrato com a Universal para uma resie de comedias em dois atos de Slim Summerville, dirigidas por Harry Edwards.

✣ ✣ ✣

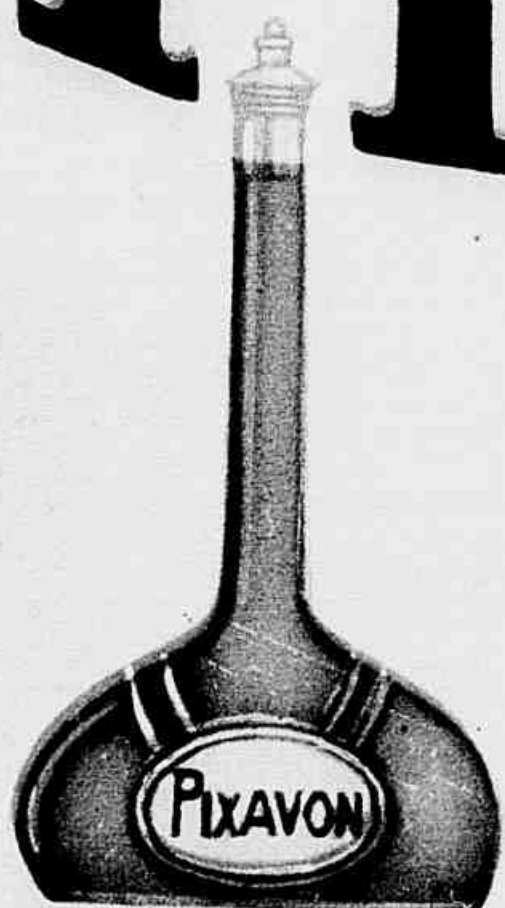
THE RIDIN' FOOL (Tiffany) — Um film de far west realmente e Ted Adams tem as principais honras. Frances Morris e Florence Turner aparecem.

✣ ✣ ✣

Para dirigir e representar, Lowell Sherman recebe, da RKO, a soma de 5.000 dollares semanais...

✣ ✣ ✣

Josephine Levett foi contratada por longo praso para escrever esclusivamente para a Paramount.

LILY DAMITA
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON